

Manuel António Gouveia

# Luta e Canção



Alfândega da Fé  
2011



## **MANUEL ANTÓNIO GOUVEIA**

nasceu em Parada, concelho de Alfândega da Fé, em 1942. Casado, tem três filhas e dois netos.

Foi combatente, administrativo, jornalista, bancário, trabalhador-estudante, professor, formador e sindicalista.

Após frequentar os Seminários de S. José, em Vinhais e em Bragança, onde concluiu o 7.º ano do Curso Geral, iniciou nesta cidade, em 1962, o Curso do Magistério Primário, o qual, por força de uma comissão militar, seguida de oito anos de actividade civil, em Moçambique, só em 1975 viria a completar, em Lisboa, numa turma de trabalhadores-estudantes.

Desde os tempos da escola primária até ser incorporado no Curso de Oficiais Milicianos, ocupou todas as férias a acompanhar o pai no duro trabalho do campo, tendo aprendido, com o seu exemplo, as suas observações e os seus conselhos, muitos segredos ligados à agricultura. Ao mesmo tempo, como membro de uma família integrada numa sociedade rural e religiosa, não pôde ficar imune ao ser e à vivência dessa sociedade.

A trabalhar e a estudar, concluiu a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Português/Francês, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa; no Instituto Superior de Educação e Trabalho, obteve a Especialização em Gestão Pedagógica e Administração Escolar; e no Instituto de Educação da Universidade Católica Portuguesa, de Lisboa, o Mestrado em Ciências da Educação, Variante de Avaliação Educativa.



Manuel António Gouveia

*A Biblioteca Municipal de Alfândega da Fé  
12/06/011*

# LUTA E CANÇÃO



Parada - Alfândega da Fé

2011

**FICHA TÉCNICA**

**Título:** Luta e Canção

**Autor:** Manuel António Gouveia

**Ilustrações:** Maria Eunice Silvestre

**Contracapa:** Foto do Autor

**Edição:** Câmara Municipal de Alfândega da Fé

**Editor:**  Editora Cidade Berço  
(Apartado 108, 4801-910 Guimarães / ecb@mail.pt)

**Composição e Paginação:** Pedro Barroso da Fonte

**Execução Gráfica:** Minhografe - Parada de Tibães - Braga

**ISBN:** 978-989-8165-51-0

**Nº Depósito Legal:** 328897/11

**Tiragem:** 750 exemplares

**Data de publicação:** Junho de 2011



## Mensagem da Presidente da Câmara

**N**ão é de desencontros nem de divergências, mas de esforço, trabalho, dignidade, dedicação e alegria (ocasionalmente também tristeza e pesar) que nos fala este livro “Luta e Canção” do Prof. Manuel Gouveia.

Fala de um povo, que num contexto económico e político difícil (estávamos nas décadas 40 a 60 do século XX, na parte final do período fascista) tenta construir a sua vida e o futuro da sua comunidade.

Produzir e reproduzir, num tempo em que o corpo era a principal tecnologia de trabalho, ajudado pelos animais “os melhores amigos do homem”.

Um tempo em que a terra dava de comer e era trabalhada de sol a sol (por vezes até morrer como o cavador deste livro). Mas embora fosse duro esse trabalho, a terra não deixava de ser a mãe bem-amada que provia ao sustento dos seus filhos.

Em tempos difíceis a religião aí estava para confortar, dar esperança, para se pedir ajuda (aos santos da sua devoção) e para se agradecer os dons e as dádivas.

Dar e receber vale para a relação entre as pessoas e com o mundo espiritual. Toda a graça é agradecida com promessas nas festas e romarias, onde se festeja e celebra a fecundidade da terra e as colheitas depois da sementeira.

E depois de seis dias de intensa labuta, ao sétimo dia vem o descanso, os jogos e as diversões.

Todo este mundo e mais, está espelhado e contado nas páginas deste livro, sem dúvida um contributo para a memória da Parada e do concelho de Alfândega da Fé.

Este executivo municipal valoriza a preservação da memória e da cultura do concelho, porque sem memória não há identidade e sem passado não há futuro. Assim vamos continuar a publicar regularmente livros como este, que constituirão um património literário importante para que consigamos perceber donde viemos e como chegamos aqui. E desta forma esperamos, também nos ajudará a construir um futuro melhor.

Alfândega da Fé, 22 de Maio de 2011

*Berta Nunes*

Presidente da Câmara Municipal de Alfândega da Fé

## Prefácio

*Tal como o camponês, que canta a semear a terra,  
ou como tu, pastor, que cantas a bordar a serra de brancura,  
assim eu canto, sem me ouvir cantar, livre e à minha altura.  
Semear trigo e apascentar ovelhas é oficiar à vida numa missa campal.  
mas como sobra desse ritual uma leve e gratuita melodia,  
junto o meu canto de homem natural ao grande coro dessa poesia.*

(*Comunhão*, de Miguel Torga)

Ao ler o livro de Manuel Gouveia, veio-me de imediato à mente este belíssimo poema de Torga.

Em **Luta e Canção** também Manuel Gouveia junta o seu canto ao canto do cavador, da tecedeira, do lavrador...

*Começa a entardecer. E o cavador,  
Lutando contra o sol e contra a terra,  
No seu cavar, sublima a própria dor;  
Neste cavar, a própria dor encerra.*

*É no tear que vai esta canseira  
Com todas as minúcias e cuidados.  
Entre paredes, uma vida inteira  
A controlar dois braços apressados.*



A estes cantos, onde emerge a árdua **luta** quotidiana, Manuel Gouveia junta ainda os de outros seres, vivos e inanimados.

Maio correndo... O quente Junho espreita  
Por sobre as águas do cantante rio.  
Na toca, o lobo a dormitar se ajeita,  
Pássaros voam, no alto, ao desafio.

(...)

*De tudo aqueles carros transportavam.  
Quando era grande a carga, é que chiavam  
- Ora ronceiros, ora aos solavancos.*

E ao evocar todos esses cantos, vai fazendo emergir, para além da luta, o agradecimento, a prece, a alegria partilhada, o amor.

A Deus suplica, em voz amargurada,  
Os santos não se esquece de invocar,  
Enquanto tudo vai na trovoadas  
De sobressaltos duros, de pasmar!

*S. Tiago, acolhe o povo  
Que aqui vem trazer, de novo,  
As suas melhores ofertas.  
Aceita-as e abençoa-as...*

A ronda era aos domingos, à noitinha.  
Rapazes casadoiros e animados  
Cantavam para as moças, combinados  
Com a guitarra e a voz afinadinha.

*Já se apurava, ao som do realejo,  
Guitarra, concertina e violão,  
O par de namorados que o solfejo  
Fazia estremecer o coração.*

Juntando o seu canto de homem natural ao grande coro desta poesia, Manuel Gouveia canta lugares, objectos e tradições perdidas, bem como a natureza que por vezes efabula.

Fontelas? Onde param? Onde estão?  
Já só as trago na imaginação  
Para as cantar, assim, nesta poesia.

*Olha a cerejeira  
De verde vestida.  
Olá, cerejeira!  
Poema de vida!  
(...)*

### **Canção para a minha frágil figueira**

(....)  
Como nada mais por ela sei fazer,  
Dá-me, então, a sensação  
De que o melhor será ter-me ali à mão  
Para a alimentar, dar-lhe de beber  
E encorajá-la a suportar a vida  
Com esta minha também frágil  
Mas generosa canção.

*Era uma vez um galo peneirento  
Que andava atrás de todas as galinhas.  
P'ra todas eram só doces falinhas,  
Puxadas quase sempre ao sentimento.*

Aos cantos que outrora ecoavam nos altos e nas ladeiras junta  
Manuel Gouveia a sua voz:

O povo em marcha é luta e é canção  
- Luta que foi! Canção que se cantou! -,  
É paz, é sentimento e é perdão,  
É quanto na memória transportou.

E a memória de Manuel Gouveia transporta memórias para **Luta e Canção** memórias de tradições, de sentimentos e até de sentidos como paladar, som, cheiro, tacto e cor.

**Luta e Canção** constitui, sem qualquer dúvida, um precioso contributo para a preservação do património cultural do nosso país.

Foi para mim uma honra prefaciар este livro.

A terminar, quero expressar ao autor o meu agradecimento por mais este contributo que, para a freguesia de Parada e para o concelho de Alfândega da Fé, tem um valor inestimável.

Obrigada, Manuel.

*Regina dos Anjos Sousa Gouveia*



## Nota introdutória

Quando encosto o ouvido ao vento, há alturas em que oiço ainda o falar de pessoas da minha terra que há muito nos deixaram, ao mesmo tempo que as visualizo na sua maneira de estar, de conviver e de trabalhar. E, enquanto assim as oiço e visualizo, como que me transporto àquele tempo, voltando a interagir com elas, a cada momento trocando com elas impressões sobre as nossas vivências e procurando sempre, cada vez mais, apreender-lhes o saber que fundamentou os seus objectivos alicerçados no voluntarismo, na tenacidade e na experiência de vida, ao mesmo tempo que revisito no meu percurso - desde a infância à adolescência - os inseparáveis companheiros de viagem.

Em Julho de 2004, publiquei, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Alfândega da Fé, o livro de poemas **Rio Sabor**. Esta publicação que considereei como sendo uma homenagem àquele Rio e à gente de Parada, constituiu para mim um incentivo para continuar a falar sobre este povo ao qual pertenço.

Como que impelido a debruçar-me um pouco mais sobre a memória desta terra e de quem a fez crescer, deparei-me com uma tão grande diversidade de situações que me foi extremamente difícil escolher e decidir. Tanto que, depois de ter já tratado alguns temas, senti necessidade de dar largas à imaginação e às minhas recordações. Aparentemente inconciliáveis, deixei-as trabalhar com o coração. Assim, outros temas foram surgindo para serem, como os anteriores, devotamente desenvolvidos. Mas quantos mais me parece que ficaram ainda por tratar!

Se bem que alguns dos poemas relacionados com as acima referidas situações retratem casos de vida reais ou quase reais, outros apenas poderão ser conotados com passagens de vida nas quais participei ou que me foram contadas.

Sobre tanta situação de partilha, tanto trabalho e tanta riqueza de sentimentos e de valores que me foi dado observar, compreender e retirar de um povo que me é tão caro, não procurei, não quis – e nem poderia ser exaustivo, entendendo que, ao longo dos poemas que constituem esta obra, vou deixando apenas um reflexo e um eco de alguns aspectos que, sobretudo em termos vivenciais, aconteceram nesta aldeia.

Devo dizer que o âmbito temporal destas vivências e destas recordações ocorre, salvo uma ou outra excepção, desde finais dos anos quarenta até princípios dos anos sessenta; e que, por força de um claro e necessário envolvimento interactivo, além do tema “Pessoas”, não podia deixar de desenvolver outros, tais como: Trabalhos, Diversões, Religiosidade, Lugares, Árvores e Animais.

Tanto o *Intróito* como o *Apêndice* constituem para mim, ora a porta de entrada ora a de saída para e de um mundo que me diz respeito e que continua a envolver-me.

Não quero deixar de relevar o facto de que, na caminhada de um povo, nem tudo é brilho. Também este povo teve as suas divergências e os seus desentendimentos. Mas não é essa a vertente que me proponho desenvolver. Tal tarefa há-de ser da responsabilidade de quem, um dia, decidir fazer a sua história.

Tendo como objectivo quanto pode retirar-se do que acima foi dito, lamento se alguma das situações ou expressões contidas neste trabalho poderá ser causa de incómodo para alguém.

Por outro lado, sentir-me-ei profundamente recompensado se, com este mesmo trabalho, puder reacender ou acender, ao menos em alguns, a fogueira do amor, da recompensa, do reconhecimento e do saber enfrentar a vida com a firmeza e a determinação que vi e senti na alma daquela nossa gente de Parada.

*Manuel António Gouveia*



## Notas explicativas

1 – Alguns poemas, um ou outro com pequenas alterações, foram publicados em:

“Boletim das Festas de S. Sebastião”, Alfândega da Fé, 2006;

“Jornal dos Poetas & Trovadores”, Guimarães;

“Mensageiro de Bragança”/ “Mensageiro Notícias”;

“Notícias de Mirandela”;

Fonte, B. da (Coord.), (2007), **Poetas de Sempre**, (Antologia), (Vol. VIII, IX e X), Guimarães: Editora Cidade Berço;

Vários, (1999), **Maio em Flor; Luta-Canção**, S. Domingos de Rana, Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana e Associação Cultural de Cascais (Org.).

2 – Nos dicionários consultados, não consegui localizar alguns vocábulos que utilizei. Contudo, como fazem parte do património cultural da minha terra, não vi qualquer razão para deixar de os utilizar.

3 – Os II Jogos Florais da Freguesia de S. Domingos de Rana, na qual vivi e exerci a minha actividade durante mais de vinte anos, tiveram como mote “Maio em Flor; Luta-Canção”.

Devo, então, assinalar que foi este mote que me inspirou para dar o título ao presente livro e a um dos poemas nele incluídos.

## *Agradecimentos*

Em primeiro lugar, o meu agradecimento a todos aqueles que, pela educação e pelo exemplo que souberam proporcionar-me, contribuíram para a elaboração deste trabalho, cuja finalidade principal é a perpetuação da sua memória, não deixando de salientar o legado recebido dos meus pais, das minhas irmãs e da minha professora do ensino primário.

À ilustradora, professora Maria Eunice, também o meu agradecimento pela sua incondicional disponibilidade e pelo saber interpretar, no seu inconfundível traço, uma boa parte da mensagem aqui sugerida.

Depois, à Dr.<sup>a</sup> Regina Gouveia que, logo na primeira hora, aceitou elaborar o prefácio, cujas referências a meu respeito não podem deixar de me sensibilizar e levar-me a reflectir sobre todo o cuidado a ter no criar, no sentir e no dizer.

Ainda à minha mulher, às minhas filhas e aos meus netos pelo tempo e companhia que lhes roubei, nas horas, por vezes infindáveis, de maturação de ideias que foram surgindo.

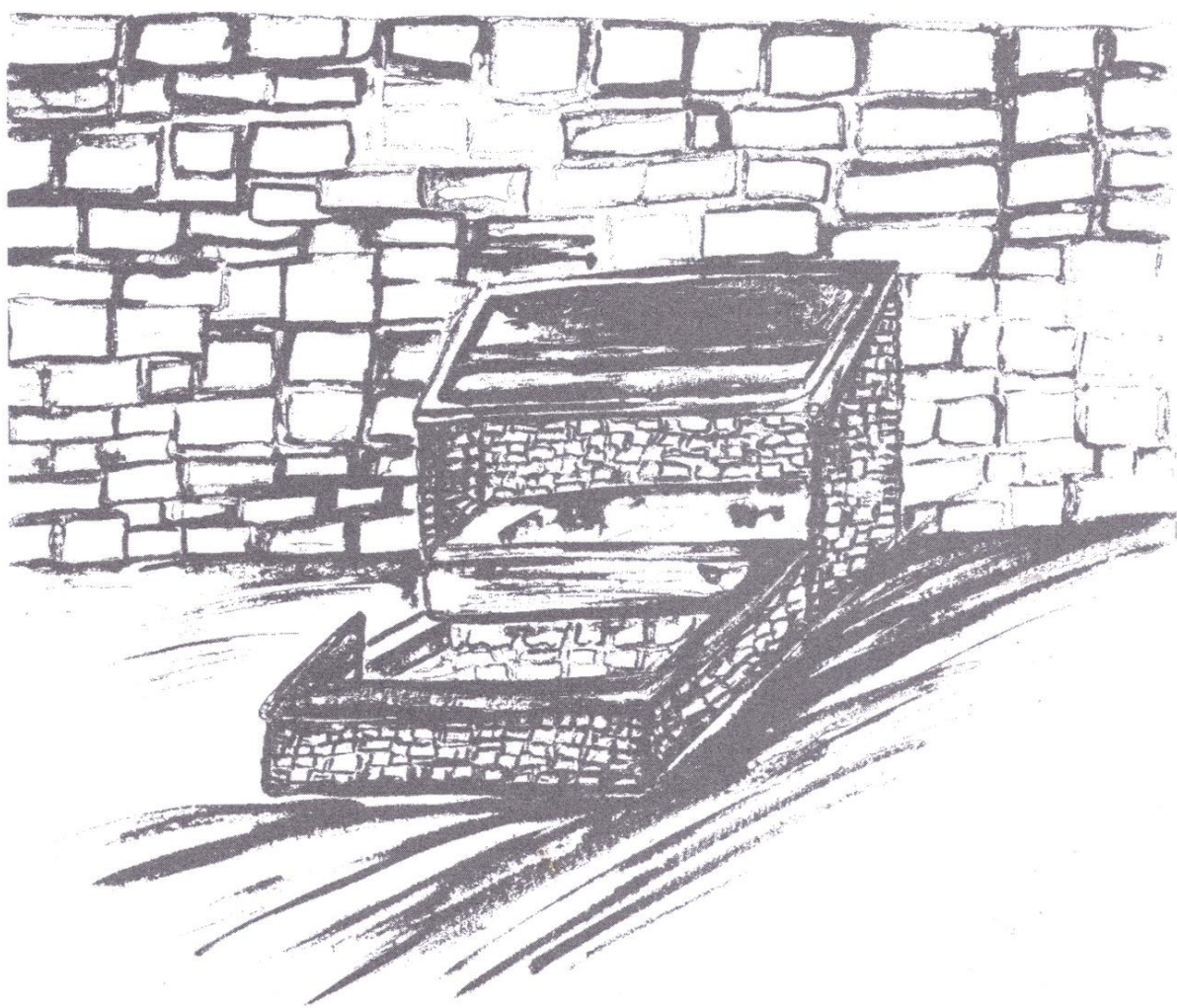
Finalmente, à Câmara Municipal de Alfândega da Fé, na pessoa da sua Ex.ma Presidente, Doutora Berta Nunes, pelo acolhimento demonstrado para que a presente edição fosse uma realidade.

## Dedicatória

Aos antepassados que, em Parada, nunca deixaram de lutar com muita força de vontade, valentia e determinação; que, a pulso e passo a passo, venceram grandes dificuldades, sabendo remover os maiores obstáculos, para construírem o mundo em que viveram; e que, procurando ser felizes nesse mundo, o legaram aos seus filhos com todo o carinho e as melhores recomendações.



# Intróito



## UMA CANÇÃO

Numa canção de amor e de alegria,  
Quis escrever um pouco do passado  
Para lembrá-lo assim, no dia-a-dia,  
Em versos generosos celebrado.

No coração, achei que me imprimia  
Mão corrosiva um sono perturbado,  
Quando a vontade, às vezes, sucumbia  
Ao passageiro, ao vil - já desprezado.

Hoje, outra mão escreve este lembrar  
Que eu toda a vida, alegre, hei-de cantar,  
Em branda lira, em grata suavidade.

Vozes de paz guardada e agradecida,  
Onde revejo, em lágrimas, a vida,  
Onde revive sempre uma saudade.

## LUTA E CANÇÃO

O povo em marcha é luta e é canção  
- Luta que foi! Canção que se cantou! -,  
É paz, é sentimento e é perdão,  
É quanto na memória transportou.

É tudo quanto valem, quanto são  
As vozes desse povo que lutou,  
As lágrimas que foram pelo chão  
E que esse mesmo povo derramou.

São os gritos, a fúria, o reclamar...  
São a dor e a tormenta a incitar,  
Em todos os momentos, à vitória.

São o amor e o silêncio que perduram,  
Os bálsamos de sonho que nos curam ...  
São tantos rituais da nossa história!



## ALFÂNDEGA DA FÉ

Vista do Facho, termo de Parada,  
Alfândega da Fé parece ser  
Uma coroa de montanha alada  
Num paraíso feito de prazer.

Ali quieta, assim, espreguiçada  
E tão tranquila neste parecer,  
Faz-me pensar em lágrima encantada  
Que algum cristão de moira fez nascer.

Cuidando ouvir ainda o rumorejo  
De vozes apagadas por um beijo  
Como princípio de um amor fatal,

Perturba-se-me a vista e tenho medo  
De não compreender todo o segredo  
Que Alfândega da Fé jura imortal.

## A FONTE DE CIMA

A fonte era a de cima. Construída  
Em xisto, pedra rija e aparelhada,  
A quanta gente, ao longo de uma vida,  
Deu de beber, fecunda e resguardada!

Ali, perto da fonte, gente unida,  
Ao descansar de longa caminhada,  
Há muitos anos, feita agradecida,  
Deu ao lugar o nome de **Parada**.

Logo depois, o povo, na canseira  
Das lides no planalto e na ladeira,  
Bebendo a fonte, via-se crescer.

Agora, como a fonte não existe,  
Verte a Parada a lágrima mais triste,  
Porque na fonte já não vai beber!

## PARADA

Parada é uma aldeia do concelho  
De Alfândega da Fé. Do Santo Antão  
Ao Castro da Marruça, o termo é velho  
A produzir amêndoa, azeite e pão.

Há milho, queijo, mel, vinho vermelho,  
Batata, fruta, doces e feijão.  
Nos montes a perdiz e o coelho  
E na cozinha, a alheira e o salpicão.

Tem S. Tiago como padroeiro.  
A perpetuá-la tem um povo inteiro  
Que fez chamar-lhe “terra dos doutores”.

Das Eiras ao Castelo visitada,  
Percebe-se feliz, calma e cuidada,  
Guiada por princípios e valores.



## S. TIAGO

S. Tiago, patrono de Parada,  
Tem um bordão, um livro e uma cabaça.  
Nos pés, traz a sandália empoeirada,  
Azul a breve túnica o enlaça.

Um manto veste, em cor avermelhada.  
Leve sorriso, amor, fervor e graça.  
Nos olhos, uma vida recatada,  
No rosto a gentileza que o abraça.

Apóstolo de Cristo, a Boa Nova  
Aos povos revelou, como uma trova  
Composta para um coro angelical.

Do alto pedestal, na nossa igreja,  
A Deus está pedindo que proteja  
Um povo que ele aceita como igual.

## QUANDO, CANSADOS...

Quando, cansados, vamos caminhando  
E enlouquecendo, sempre a caminhar,  
Calcando a terra – fartos de chorar,  
Continuamente um oásis desejando;

Quando, nublada aurora despontando  
Os gélidos bons-dias nos vem dar  
E cremos não podermos encontrar  
Quanto, de há muito, vimos procurando;

Quando, no error final, já não pudermos  
Acrescentar mais passos, como enfermos,  
Ao arrastar contínuo e vagabundo;

A terra nos deleite em mil cuidados  
E diga a quem nos vir, nela prostrados,  
Que somos outros mundos sobre o mundo.

## A BARCA DESTA VIDA

Batida pela chuva e pelo vento,  
A barca desta vida se incendeia:  
Aos poucos, vai deixar de ser sereia;  
Aos poucos, vai perdendo o movimento.

O mar já não reage a seu contento  
E a lua para si já não clareia.  
A voz do marinheiro já rareia,  
Das velas já fugiu cativo alento.

A espuma das marés salpica a proa  
Em jeito de canção que já não soa  
Aos versos cantadores de vitórias.

E a barca abandonada aflora e afunda  
Ao largo deste mar que a afoga e inunda  
Sem lhe aceitar, ao menos, as memórias.

# Pessoas





## DIGNIDADE

Em longa e silenciosa caminhada,  
A vida procurando sublimar,  
Em vão reclama a luz da madrugada,  
Constantemente, sempre a labutar.

A Deus suplica, em voz amargurada,  
Os santos não se esquece de invocar,  
Enquanto tudo vai na trovoadas  
De sobressaltos duros, de pasmar!

Se muita gente assim tanto sofreu,  
Também, com dignidade, enriqueceu  
O seu carácter bom e tolerante.

Num grato recordá-la, sinto ver  
A lâmpada do amor a se acender,  
Para me ser um guia vigilante.

## MEU LAR, MEU SER!

O pai, a mãe, os filhos a chorar,  
A rir ou a saltar – disposições...  
Na sala um Crucifixo a abençoar,  
Na vida e morte, em graça, os corações.

Em tudo uma alegria a sustentar  
Suaves e fiéis recordações.  
E logo o requerer e o desenhar  
Projectos de futuras gerações!

Serenos olhos, puros, deslumbrando  
À luz que vai nascendo e alimentando  
Sóis de ternura e místico viver.

Plácidos beijos... São felicidade.  
Eis o meu lar. Cantinho de verdade:  
Pai, mãe e filhos, Deus... Meu lar, meu ser!

## O LAVRADOR

Rasgando a terra amiga que alimenta,  
O lavrador segura o velho arado  
Por dois fortes e humildes bois puxado,  
Enquanto o frio, a chuva e o sol enfrenta.

Nesta canseira, pouco se lamenta,  
Pois sabe que há-de ter sempre a seu lado  
A força que o anima e o cuidado  
Dos filhos e mulher que ama e sustenta.

Decai o sol. E então, o lavrador,  
Pensando em descansar, limpa o suor  
E ultima o seu trabalho a muito custo.

Recolhe a casa. Já sentado à mesa,  
Com a mulher e os filhos ceia e reza...  
Vai para a cama e sonha como um justo.

## O CAVADOR

### 1

Sobe a ladeira um bafo que entontece  
E gera momentâneos de histeria.  
Neste gerar domina e recrudescer  
Um dia de trabalho! Mais um dia!

### 2

Começa a entardecer. Um sol ardente  
Queimando o próprio sol. A pouco e pouco,  
Parece que transforma o ar fervente  
Em animal ferido, quase louco.

### 3

Começa a entardecer. E o cavador,  
Lutando contra o sol e contra a terra,  
No seu cavar, sublima a própria dor;  
Neste cavar, a própria dor encerra.

### 4

Pobre e doente, velho e entristecido  
Pela injustiça atroz que representa,  
Levou a sua vida consumido  
Na própria solidão que o atormenta.

### 5

Cavou até ao fim aquela jeira.  
E logo que acabou, beijando a enxada,  
Ao tronco da mais rija amendoeira  
Se recostou, cansado, em paz velada.



6

Passaram por ali vozes de pranto  
Criadas no amargor de lua nova.  
O mocho suavizou o próprio canto,  
Viveu o melro a sua melhor trova.

7

Trazidos pelo vento morno e calmo,  
Ouviam-se murmúrios de rezar;  
Grave e monótono cantou-se um salmo  
Com cítaras de luz a acompanhar.

8

A noite correu lenta. E mais um dia  
Daquele sol abrasador chegou.  
Do pobre cavador ninguém sabia;  
P'lo cavador na aldeia se esperou.

9

Desconfiando então da sua sorte,  
Sem mais demora, o foram procurar  
Para encontrarem junto dele a morte,  
Subtil e majestosa, a campear.

10

E só quando, jacente, já sem cor,  
À terra foi entregue num caixão,  
É que, compreendendo tanta dor,  
A terra que o feriu lhe deu a mão.

## A TECEDDEIRA

Por entre os fios, passa a caneleira  
Servida de hábeis mãos e olhos pisados.  
Corre a canela breve e prazenteira  
Para lençóis, alveiros e bordados.

É no tear que vai esta canseira  
Com todas as minúcias e cuidados.  
Entre paredes, uma vida inteira  
A controlar dois braços apressados.

E este tear pesado, de carvalho,  
Ao conhecer assim tanto trabalho,  
À tecedeira pede seu perdão.

E então a tecedeira, agradecida,  
Diz ao tear que é esta a sua vida,  
A vida que a subjuga, mas dá pão.

## A MONDADEIRA

Acorda o Sol. Juntando-se ao coral  
Do rancho, canta e sonha a mondadeira.  
Uma e mais outra e outra companheira  
A vão reconhecendo como igual.

Veio de longe e fez-se tal e qual  
As outras moças, no trabalho à jeira.  
Sem um lamento, sem uma cansa,ira,  
Aceita e corre os campos de triga,l.

O trigo, no seu jeito, quer-lhe bem,  
Porque do joio o livra; e mais ninguém  
O faz com tanto amor e devoção.

E a mondadeira, ao ver-se compensada,  
Não mais recorda a vida amargurada  
Que tanto lhe feriu o coração!

## OS POBREZINHOS

Andavam pobrezinhos pelas ruas,  
Pedindo, p'las alminhas, uma esmola.  
(Velhas sandálias feitas de má sola  
E um varapau nas mãos secas e nuas).

Na almotolia, o azeite para as suas,  
Daquelas refeições que o lume engrola.  
Para o bornal, os bolsos e a sacola  
Davam-lhes pão, feijões, batatas cruas...

Dormiam nos palheiros, nos currais,  
Em companhia, às vezes, de animais  
Que os aqueciam com seu bafo quente.

Rotos, febris, famintos ou tolhidos,  
Sempre mostraram ser agradecidos  
Dizendo assim: “Que Deus lho acrescente!”



## É DE OIRO...

É de oiro que se fazem arrecadas,  
Cordões, anéis, berloques e pulseiras.  
Coisas que o povo tem arrecadadas  
Pelas gavetas, arcas e soleiras.

No colo das mais belas namoradas,  
Brilham cordões; anéis em mãos brejeiras.  
E nas orelhas andam penduradas  
As arrecadas, de subtis maneiras.

Dançam pulseiras nos mais belos pulsos.  
Berloques são aos molhos; são avulsos  
Nas golas, nas lapelas, nas gravatas.

É de oiro que se fazem as riquezas,  
Com oiro é que se enfeitam as belezas.  
São de oiro as minhas réplicas exactas.

## QUADRO MATERNAL

A mãe embala, ao colo,  
A filha, ternamente.  
Mas a filha chora.  
A filha está a chorar perdidamente.

A mãe canta, embalando a filha,  
Uma canção  
E aperta docemente a filha  
Ao coração.

Mas a filha não se cala. A filha chora.

Terá fome? Que terá?  
E as lágrimas da mãe,  
Da mãe que embala, ao colo,  
A filha, ternamente,  
Borbulham já.

E caem, uma a uma, primeiro.  
Depois...  
E tudo porque a filha não se cala.

Fome?! Terá?!

\*

Agora,  
A filha, satisfeita, dorme.  
E suspensa nos seus lábios  
De pérola e jasmim,  
Uma gotinha de leite  
A brincar, assim...

## A DOENÇA

Toma o remédio e deita-te, meu filho,  
Que o dia foi terrível para ti.  
A febre não subiu. Mas este brilho  
Estranho nos teus olhos nunca o vi.

Rezei a Santo António; e não assilho  
Enquanto não achar o que perdi,  
No árduo percorrer deste meu trilho  
Que nunca rejeitei e não vendi.

Toma o remédio, filho! Já é hora  
Do mal que te atormenta se ir embora.  
Anda sonhar na luz da tua estrela!

O olhar da mãe no filho se fixava!  
E, enquanto os olhos, lenta, lhe fechava,  
Aquele mãe sofria, exangue e bela!

## TRAGÉDIA

Rasgando o ar fervente do meio-dia,  
Crocitam velhos corvos, em bandadas,  
Enquanto as criancinhas, descuidadas,  
Às flores do quintal dão alegria.

Do excesso de beleza e fantasia  
Ao sonho de aventuras e de fadas  
As duas criancinhas tão amadas  
São, para os pais, suave companhia.

Mas rápidas as mãos do assassino  
Àquelas criancinhas um destino  
Mau, temerato e sanguinário tecem.

Como corolas róseas malferidas,  
Jazendo pelo chão esvaecidas,  
As duas criancinhas desfalecem.



## DRAMA

Subitamente, o sino a repicar.

- É fogo! – dizem alguns.  
E logo todo o povo, a esbracejar  
E a correr pela encosta,  
Lá vai, de repente,  
Depois de o sino ter tocado  
Subitamente.

- É fogo! É lá em baixo!

E todos unidos vão,  
Correndo, sempre a correr,  
Em compacto turbilhão.

Uns aos outros se consolam,  
Se acalmam, se descontrolam,  
Sabendo que, nessa tarde,  
Alguma coisa de seu,  
No grande braseiro, arde.

\*

Noite cerrada. O fogo já acabou,  
Enquanto, ao longe, o pesadelo de um trovão,  
À luz de imenso raio,  
Ribombou.

Regressa o povo. E todo o coração  
Colhe silêncios de um pesar aflito  
Para logo, estridente, no ar se ouvir  
Agudo, imenso e incontolado grito!

Filhos contados à entrada do portal,  
Um filho àquela mãe está a faltar.

E o povo, desesperado,  
Já novamente o sino a repicar,  
Volta a correr, cansado.

Esperança de a ter no ar se evola:  
A criança não se encontra;  
E, em vão, aquele povo  
Aquela mãe consola.

A mãe que não se cala

E, para si, baixinho,  
Chora, geme e fala,  
Porque o seu filho  
Que tanto adora e tanto quer  
Continua sem aparecer!

\*

Foi então que uns valentes se chegaram  
E nos braços da mãe depositaram,  
À luz do candeeiro,  
Os restos da criança que encontraram  
Queimada no braseiro!

## ANTI-BUCÓLICA

### 1

Maio correndo... O quente Junho espreita  
Por sobre as águas do cantante rio.  
Na toca, o lobo a dormir se ajeita,  
Pássaros voam, no alto, ao desafio.

### 2

Desperta a víbora do hibernal descanso,  
Ondula o trigo em leve rumorejo,  
Do prado canta o burro no remanso,  
Dançam no vento as ondas de um harpejo.

### 3

O feno dos lameiros cheira a verde,  
Nas hortas, a cebola cresce e alarga,  
A gota de um orvalho frita e ferve  
Ao sol que pulveriza a cor da fraga.

### 4

Grave modorra aflora no horizonte  
E a própria Natureza silencia.  
Nas águas sonolentas de uma fonte  
Bebe a raposa, a lebre e a cotovia.

### 5

Vela o pastor, no bardo, o seu rebanho,  
À sombra do olival, dormindo a sesta.  
O cão de guarda, em todo o seu tamanho,  
Exibe a força e afugenta a besta.

6

Cobrindo o traço instável de um atalho  
Que se abandona à férvida ladeira,  
Coberta de poeira e de farfalho,  
Vacila uma figura, de canseira.

7

Ao longe, é um ponto quase indefinido.  
Às vezes, tropeçando, cai no pó.  
Mas logo se levanta decidido  
E volta a caminhar seguro e só.

8

Um ponto de capote de estaménha...  
Grosso bordão o ampara na subida.  
E quanto mais vacila mais se empenha  
Naquela caminhada interrompida.

9

Plúmbeo, nublado, incerto, ameaçador,  
O céu se vai mostrando lentamente.  
O ar rareia, cheira-se o calor,  
Carmínea voz já soa em tom dolente.

10

E então, subitamente ruge e ecoa  
Pelas quebradas, trágico trovão.  
A chuva cai, engrossa, cresce e voa  
Pela ladeira abaixo, em turbilhão.



**11**

Água barrenta. Junta-se à do rio  
Que já fervilha e cria remoinhos  
Num perturbante e cúmplice arrepio  
De mágicos e insólitos caminhos.

**12**

A Natureza fez-se de asperezas:  
Nem um rumor de vidas pelo ar,  
Tudo intranquilo, muito de tristezas,  
Pois só a tempestade a sufocar.

**13**

Alongo o olhar. Perdido na tormenta,  
O ponto quase indefinido vem  
Deixando de lutar; não mais sustenta  
A força que o levou até além.

**14**

Olho depois o rio enfurecido:  
No seu maior, mais horrído fundão,  
Em magra mão, agita-se perdido  
Aquele amigo e súplice bordão!

## QUADRAS BREVES

### 1

Olhos pretos, alvo pé,  
Vestido leve de chita,  
Anda namoro entre a Zé  
E o filho da tia Lita.

### 2

Cântaro cheio à cabeça,  
A Maria vem da bica.  
E sem que ninguém lho peça,  
Dá uma dica e outra dica.

### 3

No laranjal da Gertrudes  
O padre António colheu  
Um raminho de virtudes  
Que fazem lembrar o céu.

### 4

Este pão de cada dia  
Comido à hora da reza  
O bom Deus no-lo envia,  
Como bom Pai que se preza.

5

No azul do teu olhar  
Escondi o meu amor.  
Agora, para o encontrar,  
Basta-me ler-te de cor.

6

Não te esqueças de esconder,  
Junto do teu coração,  
O beijo que vi nascer  
E crescer na minha mão.

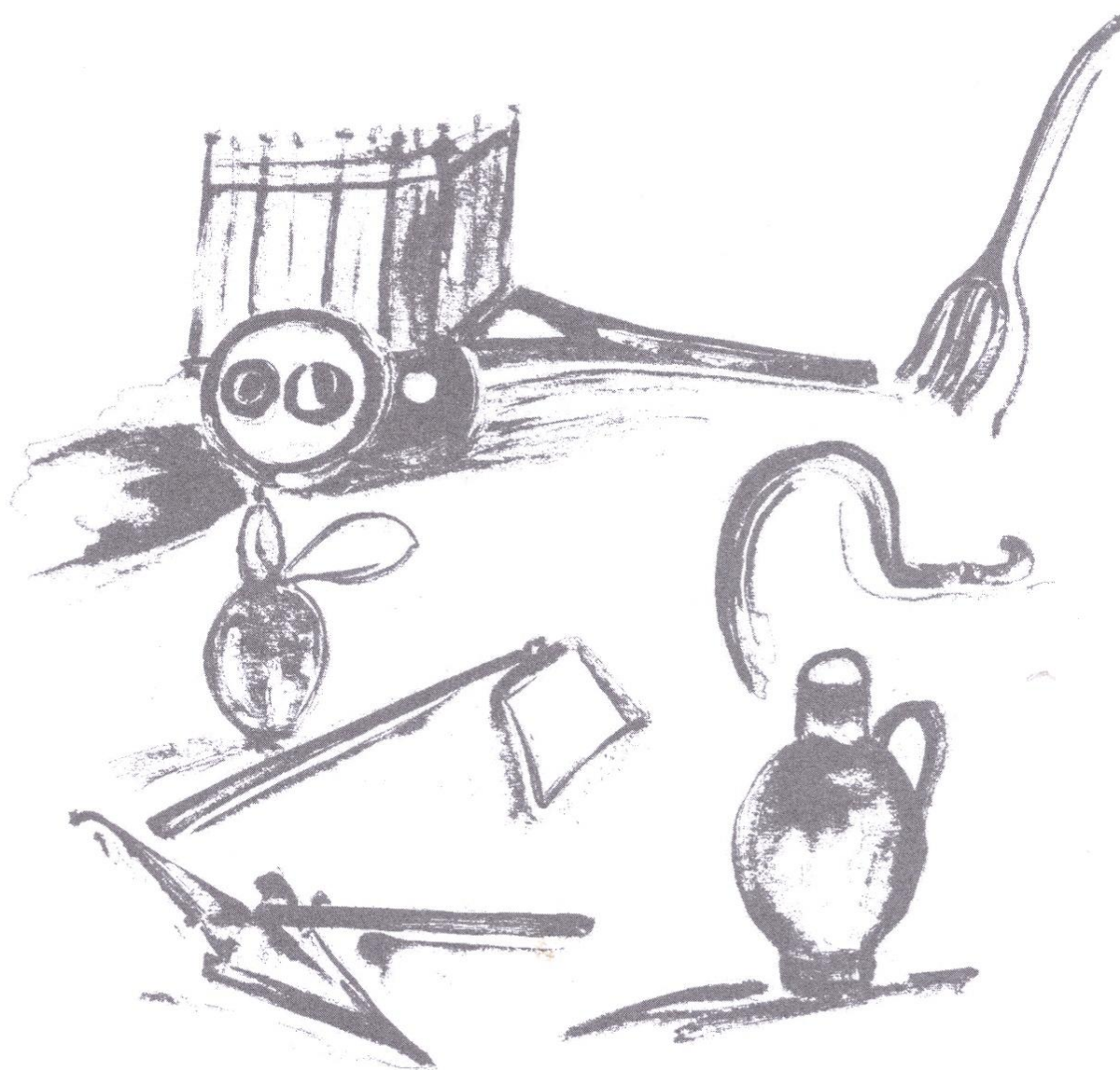
7

Toma lá um manjerico,  
Nesta noite de Verão.  
Se não sabes, eu te digo:  
- É noite de S. João.

8

Vamos saltar a fogueira,  
Vamos lá todos reinar,  
Vamos cantar, noite inteira,  
Vamos p'ra a festa a dançar!

# Trabalhos





## COMO EXEMPLO

Às vezes,  
Dá-me para me debruçar sobre a terra:  
Cavar, lavrar,  
Adubar, estrumar,  
Plantar, semear,  
Regar, tratar...

Enquanto me debruço sobre a terra,  
Assim desta maneira,  
Não sinto mais a canseira  
De uma vida agitada,  
Uma vida agitada  
E cheia de problemas,  
Tão regulada por leis  
(Estas leis que a própria sociedade tece  
E, pensando que me faz feliz,  
Gravemente me entontece),  
Tão regulada por leis, horários, vícios e paixões  
Que não sei bem como fazer:  
Se dizer, se não dizer  
Milhares de razões...

Por isso, é que me volto para a terra.  
E que alegria sinto  
Quando nasce uma flor no limoeiro  
Ou resiste ao vento, heroicamente,  
A vergôntea persistente  
Do feijoeiro!

É desta actividade, de tudo o que a cerca,  
De todas as circunstâncias que a rodeiam,  
Que eu tiro exemplos de um viver tenaz  
- exemplos que me fazem suportar a vida dura -  
E que lembrar em muitos dos meus versos  
Imensamente me apraz.

## A COLHEITA

O meu pai lavrava a terra  
Com dois machos - dois gigantes! -,  
A terra que ainda encerra  
Temas de paz e de guerra,  
Sempre fértil, como dantes!

*E então,*

Da terra lavrada,  
Saía um perfume  
Que nos envolvia,  
Que nos alegrava,  
Que nos predizia  
Colheita alargada.

*Por isso,*

À terra lavrada  
Meu pai entregava  
A melhor semente.  
E da terra fértil,  
Sobre a qual rezava,  
Sempre a Deus temente,  
Meu pai recolhia  
A farta colheita  
Com a qual vivia.

*Pois que,*

Sem este trabalho,  
Sem esta canseira,  
A fome espreitava  
E não dava tréguas,  
Teimosa, matreira.

*Já que era*

Altura em que a vida  
Não deixava espaço  
A muita preguiça  
De muito madraço.

Altura em que a vida  
Fazia pensar.  
Altura em que a vida,  
Tão dura e temida,  
Fazia chorar.

*Enquanto,*

Agigantando-se escolhos,  
Grossas lágrimas deliam  
As faces que em dor ardiam;  
E o suor queimava os olhos  
Como os abrolhos faziam,  
Indiferentes e sãos,  
Chagas nos pés e nas mãos.



## O PÃO DO POVO

De tronco nu, ao sol apavorante,  
O esmoutador a terra vai limpando.  
Depois, o lavrador a irá lavrando  
Para que o trigo cresça bem possante.

As mondadeiras, mal o sol levante,  
O trigo abençoado irão mondando.  
Os segadores o irão segando  
E a tulha o guardará como um amante.

Depois, feito farinha no moinho,  
Será para este povo o seu pãozinho,  
Ao lume das estevas bem cozido.

E sobre a mesa à qual se sentará  
O humilde povo o pão repartirá,  
Após o ter beijado e o ter benzido.

## O PÃO QUE DEUS OFERECEU

Esmoutar,  
Decruar,  
Entravessar,  
Adubar,  
Semear,  
Mondar.

Ver crescer,  
Com Nosso Senhor Jesus Cristo  
A proteger.

Segar,  
Molhos atar,  
Em rilheiro colocar.

Deixar que o dono das terras  
Retire a sua maquia,  
Até pagar.

Acarrar  
E nas eiras:  
Emedar,  
Trilhar,  
Limpar.

Findas as debulhas,  
Recolher o grão nas tulhas.

Depois, com todo o cuidado  
P'ra não sofrer com o argueiro,  
Recolher a palha no palheiro.

Por fim,  
Agradecer a Deus, Nosso Senhor,  
Por este pão  
Que, com tanta generosidade, ofereceu.  
Este pão que o lavrador  
Limpo o suor, aceitou  
Como uma bênção do Céu!

## A SEGADA

O sol dardeja raios perfurantes  
Sobre cabeças pouco protegidas.  
E os segadores curvam-se arquejantes  
Beijando espigas loiras e compridas.

O trigo segam, sempre confiantes:  
Leves seituradas, ágeis mãos doridas,  
Vencelho atando molhos escaldantes,  
Longas cantigas, vozes consumidas.

Chega o almoço. Benzem-se primeiro.  
Depois, descansam à sombra do sobreiro  
Até, dali a pouco, continuar.

De nada serve olhar o horizonte:  
Nem a frescura leve de uma fonte!  
Só o calor bebendo o próprio ar!



## O LINHO

Até ficar bem lisa e bem estrumada,  
Era o meu pai que a terra preparava.  
Depois, de saco ao ombro, em largos gestos,  
Na terra, mil sementes espalhava.

E que sementes eram essas mil  
Que a terra recebia com carinho?  
Eram sementes muito pequeninas  
Mães de uma linda planta que era o linho.

Linda e bem firme. Fina e maleável,  
A duras provações já destinada,  
A sua flor azul e pequenina  
Era beleza livre e perfumada.

Linho crescido, é arrancado. Aos molhos  
E na moreia, ao sol, há-de secar.  
Dele já seco, tira-se a semente  
Para a linhaça e para semear.

Logo depois, ao rio se transporta,  
A demolhar uns dias. Recolhido,  
Ali, já sobre pedras espalhado,  
Irá ficar bem seco e combalido.

No maçadouro, há-de ser maçado,  
Com fortes maços, pelo dia inteiro;  
E após espadelado no cortiço,  
Passar pelo restelo e p'lo sedeiro.

É deste compassado repassar  
Que vai obter-se a estopa e a estopinha,  
Obter-se o linho para, finalmente,  
Feliz transformação em fio, em linha.

Da estopa e da estopinha é o manelo  
E só do linho a estriga se fará.  
Ambos fiados, a partir daqui,  
Dizer manelo ou estriga tanto dá.

Vamos então falar só do manelo.  
Mãos calejadas, frágeis mãos doridas  
O levarão à roca, a ser fiado,  
Por noites de invernia bem compridas.

É já na roca preso com um cartucho  
Feito de cartas de um baralho usado.  
A roca é posta à cinta e bem segura  
Com um dos braços contra o corpo dado.

Uma das mãos repuxa p'lo manelo,  
Enquanto a outra o fuso faz girar:  
Na roca, é o manelo a decrescer;  
No fuso, a maçaroca a aumentar.

Depois, a maçaroca é posta em cestos  
Para, em seguida, se tornar em meada.  
Rodam sarilhos, rodam apressados  
Até nos cestos não ficar mais nada.

Meada já feita, meada já cozida  
Na água a ferver, com cinza, a branquear.  
Da meada, a dobadoira faz novelos  
Que o açafate acolhe, a transbordar.

Guardados os novelos em baús,  
Desta maneira, tudo fica pronto  
Para o tricô, a agulha, e o tear,  
P'ra mãos de fadas donas de áureo ponto.

Senão, vejamos: sacos e alforjes,  
Fortes bornais, da estopa vão surgir.  
Do linho, são lençóis, toalhas, rendas ...  
Com a estopinha é que se vai urdir.

Assim acaba o linho a sua aventura,  
Em caminhada de trabalho e dor,  
Desde o nascer na terra abençoada  
Até ser recompensa ao lavrador.

## O INCÊNDIO

O Sol, a eira, o pão – o pão que ardeu...  
Várias pessoas para ali choraram.  
Nas labaredas tudo se perdeu:  
Quanto com tanto esforço conquistaram!

Ninguém sabia como aconteceu.  
Só alguns - poucos - é que se lembraram  
De um breve fumo que subia ao céu  
E para lá, correndo, se apressaram.

Mas nada já puderam evitar,  
Que o vento que se estava a levantar  
Fez com que o fogo logo se espalhasse.

Olhando à minha volta, eu que acudi,  
Consolos de pesar não lhes ouvi.  
Só lágrimas de chumbo em cada face.

## CARROS DE MACHOS

Carros de machos. Feitos de madeira,  
- Fortes e rudes! - longe de Parada,  
Para os pagar, não era brincadeira,  
Que a conta do artista era puxada!

Como é sumida aquela barulheira  
Que os carros provocavam na calçada!  
Os machos os levavam, na canseira  
Da forma requerida e adequada.

De tudo aqueles carros transportavam.  
Quando era grande a carga, é que chiavam  
- Ora ronceiros, ora aos solavancos.

Ou simples, de engarelas ou taipais,  
À frente, os dois estadulhos bem iguais,  
Passavam poças, pedras e barrancos!



## A MATANÇA DO PORCO

Num belo dia – sábado ou domingo -,  
Era do porco a habitual matança,  
Numa completa dança e contradança  
Que eu, à distância, já nem bem distingo.

Presunto, salpicão, chouriço e pingo,  
Barriga, costeletas ... e a festança  
Gerada neste gesto de uma usança  
Perante a qual, assim falo e rezingo:

Deitado sobre um banco, o seguravam  
Enquanto firmemente lhe cravavam  
A faca, do cachaço ao coração.

E o porco, após os berros e o chorar,  
Deixava de gemer e de lutar  
No fogo chamuscando, sobre o chão.

## UTENSÍLIOS DE TRABALHO

A lista de utensílios de trabalho  
Da minha terra de antes vou lembrar.  
É sem querer se um nome deles falho:  
De todos bem gostava de falar.

Mas, para além daqueles utensílios,  
Parece-me que é bom lembrar também  
Mais outros nomes, como bons auxílios  
Que, junto àqueles, sempre ficam bem.

E porque, às vezes, custa a definir  
Se, porventura, exercem tal missão,  
Outros ainda é bom não resistir  
A dar-lhes neste espaço a nossa mão.

Se é certo que alguns deles são usados  
Ainda hoje, - a maior parte não:  
Encontram-se esquecidos e arrumados  
Longe da vista e já fora de mão.

Desta maneira a lista apresentada  
Talvez seja difícil consultar.  
Mas tive de a fazer desordenada  
Por causa do acerto e do rimar:

A roda, a lona, a cântara e a escada,  
A sacha, o sacho, a fouce e a dobadoura,  
A picareta, a grade e a machada,  
Rasão, saquita, rasa e espalhadura.

O trilho, o malho, o almude e a remeia  
A goiva, a rapadoura e o serrote,  
As lárias, a torcida e a candeia,  
O talho, o assentalho e o caixote.

A plaina, o ranhadouro e a masseira,  
A selha, o pipo, o arado, o lampião,  
A pipa, o maçadouro e a cadeira,  
A mesa, o fuso, o banco e o chupão.

Tonel, rasoura, engaçó e o badil,  
Tenazes e sedeiro, a pá e a roca,  
Charrua e o cortiço e o funil,  
Jugo, espadela, rédea, enxó e moca.

Surrão, dedal, pichel, garfo e chumbeira,  
Panela, grelha, agulha e sobrecarga,  
Arrocho, cilha, entrolhos, salgadeira,  
Corda, cabresto, vara, mó e albarda.

Meleia, tear, vaivém, cancelo e talha,  
Rede, esfregão, vassoura e arganel,  
Balde, aguilhada, roçadoura e malha,  
Rastelo, podadeira, e saquitel.

Rolha, barão, fole, enxofradeira,  
Arame, saco, cesto, metro e marra,  
Formão e espeto, gancho e trilhadeira,  
Crivo, sertã, gasómetro e patarra.

Peneira, estrafoqueiro, litro e banca,  
Cesta, quartilho, o tacho e a tachola,  
Sachola e bilha, cadeado e tranca,  
Tripé, gadanha, ferradura e argola.

Pente, pincel, a máquina e a caneca,  
Taleiga, escopro, nora, malhadeira,  
Caneco, trincha, os atafais e a aiveca,  
A calagouça, a faca e a frigideira.

Prumo, espingarda, o nível e a sovelá,  
Cacete, cortiço, pau e cajado,  
A forma, a brocha, o rodo e a cancela,  
O ferrolho, a canastra e o machado.

O carro e o cacifro, a lançadeira,  
A relha, a saca, o pote e o varapau,  
O guincho, a trempe, o lato e a mosqueira,  
A tábua para o pão e o bacalhau.

O rodeleiro, a broca e o taroco,  
A ratoeira, o cincho, a taramela;  
Canhoto e rela, quarta e o arraioco,  
Forcada, cabaçote, aboiz e vela.

Trasga, estrumalho, gaita, pé-de-cabra,  
Jugueta, o alicate e o abre-latas,  
Turquês, mochila, geringonça e aldraba,  
O batedor dos bolos e das natas.



Cajata, cestarel e barrinhão,  
Tapulho, facarrucha, aguçadeira,  
Caixa, taleiga, o copo e o ferrão,  
Cabaça, desenguiço e preguiceira.

A bota, o boto, o odre e a rodriga,  
Bornal, a batedeira e a canela,  
O masseirão, alforges e a estriga,  
Padiola, zorra, púcaro, escudela.

Fio-de-prumo, viola, violão,  
Guitarra, aguçadoura, espalhadeira,  
Poste, enchedeira, mola, facalhão,  
Martelo, escora, pico e roçadeira.

Ferro, urdideira, b'nairo e a seitoura,  
'stadulho, as engarelas e o manelo,  
Navalha, fósf'ros, cântaro e tesoura,  
Forquilha, cravo, apito e o canelo.

Rodilha, guarda-chuva e cantareira,  
Bidão, caldeira, escano e pinchavelho,  
Panal, xairel, rodela e azeiteira,  
P'chorra, vassouro, lima e caravelho.

Ancinho, fogareiro, apagador,  
Cartucho e quadro, o açafate e o anel,  
Maço, colmeia, tronco e regador,  
Baú, sarilho, a tala e o cordel.



Arreios, alambique e o seirão,  
Chocalho, lumes, botas, calcadeira,  
Lata, rastilho, a sela e o bordão,  
O calço, o limpador, o guizo e a seira.

Trela, rodízio, p'doa e a carreta,  
Colher, galrito, flauta e o varal  
Talhoco, nassa, pífaró e vareta,  
Tractor, enfardadeira e o taipal.

O pingarelho, a régua e o timão,  
A anilha, a pena, a tacha e o tinteiro,  
Lápis, caneta, giz, mata-borrão,  
Motor, arruela, malga e o isqueiro.

E assim se fez a lista prometida  
Que a vida de outros tempos faz lembrar:  
A uns, porque por eles foi vivida;  
A outros, se a quiserem estudar.

Palavras e palavras carregadas  
De tanto simbolismo e sentimento!  
Em cada uma delas as verdades  
De um povo que venceu em sofrimento.

Palavras que me trazem à lembrança  
Os tempos que vivi e em que me fito,  
Palavras que aprendi desde criança  
E sobre todas elas tenho dito.

# Diversões



## JOGOS E OUTROS PASSATEMPOS

### 1

Muitos jogos se jogavam  
Que as horas suavizavam  
Na minha aldeia de outrora.  
Aqui trago muitos deles:  
Os que já foram; e aqueles  
Que'inda se jogam agora.

### 2

Também outros passatempos  
Cuidavam dos maus momentos  
Que a vida às vezes criava:  
Frouxa luz na escuridão,  
Que, mesmo assim, ter à mão  
O povo bem precisava.

### 3

Era o rau-rau, a macaca,  
Era o fito, era a bulhacra,  
A bola, o salto e o pião;  
O lencinho e o anel,  
O papagaio d' papel,  
E o dicotim-dicotão.

4

Era o botão, era a roda,  
Era a habilidade toda  
Da cabra-cega e do espiche;  
Do 'sconde-'sconde, o arco e a flecha,  
Do avião de canafrecha  
Na mão mais firme e mais fixe.

5

Era o carrinho de lata,  
O encanto da cascata,  
O ferro, a pedra, a carreira.  
Era a rodinca, era até  
A corrida ao cuncha-pé  
E o dar a pincha-carneira.

6

As apanhadas, o eixo,  
O tirar lume do seixo,  
Os namorados, enfim!  
O imitar profissões,  
Ouvir histórias aos serões,  
Daquelas grandes, sem fim!

7

No Entrudo havia tudo:  
Era o alegre e o sisudo  
No seu jeito de gozar.  
E que tamanha alegria,  
Em dias de romaria  
A ver a banda a tocar!

8

A caça, a pesca e os ninhos  
Da perdiz, dos passarinhos,  
A ronda e o dominó.  
Setas feitas de gaimão,  
Cortiça a rodar na mão  
P'ra brinquedos. E o landó?!

9

A chona, corda, canções,  
Até dramatizações,  
Arranca-triga, adivinhas.  
Tumbalalão, lengalengas,  
Cantilenas e perlengas,  
As mais bonitas casinhas.

10

No à-uma-dá-la-mula,  
(Já pouco se joga e pula),  
Era preciso destreza.  
E no eixo-ribaldeixo  
Era um dente ou era o queixo,  
Se não havia esperteza.

11

Havia as damas também  
E as cartas que hoje 'inda alguém  
Parece que vai jogando,  
Porque há costumes da gente  
Da minha terra dif'rente  
Que se foram alterando.



12

Há hoje, então, o cantar,  
A ginástica, o andar  
E o ver televisão.  
Mantém-se o convívio. Agora  
Em bancos fixos, cá fora,  
Nas quentes noites de Verão.

13

A rádio também anima  
Os de baixo e os de cima,  
Numa fraterna harmonia.  
De canteiros brotam flores  
Tratadas como os amores,  
Com verdadeira alegria.

14

Ainda há quem, na Praça,  
Fale do tempo que passa,  
Em toda a sua extensão.  
Nas escadas da preguiça,  
Depois ou antes da missa,  
Há boa disposição.

15

Pouco é já como era dantes.  
A escola sem os estudantes  
É Centro para os idosos.  
Às tardes, reza-se o terço,  
Na Igreja; e canta-se em verso  
Aos santos mais piedosos.

16

E é toda esta envolvimento  
De grandeza e de carência  
Da minha terra natal  
Que faz com que eu a respeite,  
A compreenda e aceite  
Como ela é tal e qual.

## A BOLA

A bola era nas Eiras ou no Prado,  
À hora, dia ou tempo que calhava.  
O campo era pequeno, era pelado  
E a bola, de borracha, ia e pulava.

Como baliza, um pau de cada lado,  
Erva daninha a cerca limitava.  
Se havia chuva, o campo enlameado;  
Se havia sol, o piso era gretado.

Havia *os de baixo* e *os de cima*:  
Grandes, pequenos, como que uma rima  
Em número incerto, vago e vário.

Dos árbitros não há nada a dizer,  
Pois não eram precisos. A valer  
Era o respeito pelo adversário.

## A CAÇA

Antigamente havia muita caça,  
- Até, há cerca de uns sessenta anos:  
Coelhos e perdizes... toda a raça  
De animalejos, a causarem danos.

Havia as espingardas de dois canos,  
Havia as de um; e havia quem, de graça,  
Usando um varapau e os próprios planos,  
Fizesse a sua caçada, embora escassa.

Mas hoje o que se vê? São caçadores  
E cães a percorrerem os arredores...  
De vez em quando, lá se ouve um tiro.

Almoça-se e merenda-se por lá  
Quanto a mochila generosa dá.  
E assim acaba o dia e mais um giro.

## A RONDA

A ronda era aos domingos, à noitinha.  
Rapazes casadoiros e animados  
Cantavam para as moças, combinados  
Com a guitarra e a voz afinadinha.

Longo suspiro vindo da cozinha,  
Chegava à rua para os mais cansados.  
E logo após, de novo entusiasmados,  
Continuava a ronda bem certinha.

A noite ia avançando lentamente.  
E a ronda, sempre viva, sempre em frente,  
Até que as ruas todas percorria.

E só depois, as vozes já sumidas,  
Fazendo calorosas despedidas,  
Pensava no domingo que viria.



## AS CARTAS

Jogar as cartas era um bom motivo  
Para ganhar, perder ou falar mal.  
Um jogo sempre forte, sempre vivo:  
Ora inocente – ora, até, fatal.

Jogar as cartas era um incentivo  
Bem acolhido, muito natural  
Num meio sempre atento, sempre activo,  
P'ra quem queria ter-se como igual.

Jogadas na taberna, nos balcões,  
Em casa, como alívio de serões,  
Por noites de tristezas e de frios,

As cartas eram dom reconfortante  
De um povo que, sofrendo a cada instante,  
Venceu paixões e enormes desafios.

## AS CASCATAS

Nas festas, pelos Santos Populares,  
Era costume fazerem-se cascatas:  
Pequenas construções, simples, vulgares,  
Com figurinhas, rios, pontes, pratas...

Ou no Terreiro ou noutros tais lugares,  
Em formas e maneiras quase exactas,  
Iam surgindo envoltas em cantares  
E alegres danças - ao realejo dadas.

Tardes de sol e noites de luar,  
Calcando o pó do chão, bebendo o ar,  
Convosco foi o povo tão feliz!

Ó festa das cascatas, de alegria,  
Tardes de sonho, noites de folia  
De gente em fé, na voz, e na raiz!

## O ENTRUDO

Chegou o Entrudo. Há festa pelas ruas.  
Há mascarados, bobos e palhaços  
- Uns mais tristonhos, outros mais vivaços -,  
Há refilões... Verdades, as mais cruas.

A alegoria enfeita as caras nuas,  
Com pó-de-arroz a carregar os traços.  
Altos, pequenos, gordos e cangaços,  
Malabaristas a fazer das suas.

À noite, o aturrar; e as raparigas,  
Picadas todo o ano por intrigas,  
Neste pregão, conhecem o seu par.

O Entrudo está no fim. E a brincadeira,  
Já transformada em lânguida canseira,  
Sugere a todos que se vão deitar.

## O FERRO

Pernas abertas, tronco para a frente,  
A mão segura o ferro balouçando.  
Mais um balanço e logo, de repente,  
Lá vai o ferro, como que voando.

Já sobre o chão, de bico, o rasga, a quente;  
Vibra, estremece e corre deslizando.  
Há sempre um jogador que o apanha e sente:  
Outra e mais outra vez o vão jogando.

Cuspo nas mãos, sabão com água, o ferro  
Melhor desliza e vai, puxado a berro,  
Guiado como bala assustadora.

São as apostas. Bebe-se um quartilho.  
O ferro, em seu metal, redobra o brilho  
E vai socializando, de hora a hora.

## O FITO

O fito quase sempre era jogado  
Ou junto à escola ou junto ao lavadouro.  
Um par, dois pares... jogo desejado  
Por todas as idades, sem desdouro.

Um pino a quinze metros colocado  
De um outro pino. O jeito era um tesouro  
Que o jogador guardava bem guardado  
P'ra arrecadar, vencendo, o próprio ouro.

Jogava-se com pedras escolhidas,  
Nas mãos do jogador bem acolhidas,  
Bem calibradas, ágeis e certeiras.

O fito era aos domingos, sobretudo,  
Jogado com alegria ou ar sisudo,  
Por tardes e manhãs, leves e inteiras.



## O PIÃO

Ainda estou a ver este pião  
No seu rodopiar endiabrado:  
Ora a dormir na mão, ora no chão,  
Este pião que tenho aqui, ao lado.

Com força e com destreza era atirado.  
E logo devolvia, qual zangão,  
O som que produzia no ar rasgado,  
Bem perfilado em cima do ferrão.

Liberto da barança que o cobria,  
Cheio de força e cheio de magia,  
Cheio de encanto, dava que falar.

Listrado com as cores mais alegres,  
Era o pião, nas horas mais entregues,  
Da criançada um ídolo a guardar.

## OS REIS

Seis de Janeiro. Noite má. Nevou.  
Pela calçada, nítidas pegadas  
Feitas com botas fortes e cardadas  
De alguém que há pouco por ali passou.

Dia de Reis. Um grupo se formou  
E vai cantando, em vozes afinadas,  
Às gentes recolhidas, confortadas  
Ao quente que a lareira lhes doou.

Mal a canção acaba de se ouvir,  
Alguém sai da lareira e vem abrir  
A porta, com piadas às solteiras.

Mas não vem só. Consigo, para o saco,  
Traz salpicões, de queijo um belo naco,  
Traz marmelada, nozes e alheiras.

# Religiosidade



## A IGREJA

De altiva torre, branca, firme e airosa,  
Perto da praça, a igreja desta aldeia.  
Por dentro, cheira a incenso e cheira a rosa;  
Por fora, cheira a cal e a lua cheia.

À luz que a ilumina, silenciosa,  
Brilham altares. Tudo se incendeia  
No murmurar de prece rumorosa  
Que o povo suplicante desenleia.

Feliz no Casamento e no Baptismo.  
Triste na Morte... Quanto de heroísmo  
Faz relembrar em toda a sua história!

Na Páscoa, no Natal e na Paixão,  
Aquele igreja ao povo deu a mão  
E contra o mal é um signo de vitória!



## O CEMITÉRIO

Erguido bem no alto, o cemitério  
É forte e sentinela edificante;  
É como um livro cheio de mistério,  
Verbo de paz, de solidão constante.

Ali, todo o silêncio é refrigério.  
Ali, o sentimento deslumbrante  
Que vem da luz criada no império  
Do Além desconhecido e tão distante!

Os muros brancos, férrea e grave porta.  
Um chamamento à prece nos exorta  
E uma infinita dor nos fere e invade.

Há cruzes sobre as campas e os jazigos;  
Há pais e há mães, há filhos e amigos  
Que, em lágrimas, acalmam a saudade!



## PREPARAÇÃO PARA AS FESTAS

### 1

Andavam já no ar as grandes festas:  
Páscoa, Natal, o Santo e o S. Tiago.  
E em toda a gente as decisões mais lestras  
Eram segredo aceite e bem guardado.

### 2

Os comissários - esses - só canseiras:  
O pregador, o fogueteiro, as bandas,  
Andores, estandartes e bandeiras,  
As flores, o guião – sempre em bolandas.

### 3

Limpavam toda a igreja - de alto a baixo,  
O púlpito, os santinhos e os altares.  
Tratavam dos coretos: um despacho,  
Sob uns atentos, críticos olhares.

### 4

Armava-se a quermesse. E o enrolar  
Dos papelinhos p'ra tirar à sorte  
Levava-se a sorrir e a cantar  
Para fazer nos tais o melhor corte.

### 5

Viviam as doceiras um cansaço  
P'ra os ovos, o açúcar e a farinha.  
O batedor cansava-lhes o braço,  
Enquanto, impulsionado, ia e vinha.

6

Mel e canela, “pó-roial” e azeite,  
Farinha da melhor, da mais branquinha,  
Fermento, açúcar branco, porto e leite  
Tudo era pouco na melhor cozinha.

7

As cozinheiras preparavam tachos,  
Várias receitas p’ra gerir os molhos;  
Já nos vestidos se faziam machos,  
Já se escolhiam: saia, blusa e folhos.

8

Para as modistas um trabalho insano,  
P’ra os alfaiates afazer igual.  
Mal tinham tempo de molhar o pano:  
Feitio e corte... a prova – nada mal!

9

O sapateiro, farto de bater  
A sola, o pneu e o protector, já não  
Sabia, ao certo, como responder  
Às encomendas sem fazer serão.

10

Do soto vinha a cesta a abarrotar  
De arroz, de bacalhau, de sal e massa.  
Já se escolhia o frango p’ra matar,  
Já se deitava o olho à melhor caça.

### 11

Faziam-se encomendas p'ra os cabritos,  
O polvo e a canhona e a vitela;  
De peixes, pelo menos, dois quilitos.  
Do porco as febras, lombos e costela.

### 12

Eram também o galo e o leitão,  
Se alguém muito importante aparecia.  
E, no seu tempo, enfim, era o melão,  
O pêssego, a cereja, a melancia.

### 13

Cortava-se a guedelha a tempo e horas  
E era um regalo ver tantos peinados.  
As jovens e as mulheres, encantadoras,  
Mostravam seus bonitos penteados.

### 14

Já punham brilhantina os mais fadistas.  
E encomendando o lenço e a caneta  
P'ra pôr no bolso do casaco às riscas,  
Iam também aprimorando a treta.

### 15

Já se apurava, ao som do realejo,  
Guitarra, concertina e violão,  
O par de namorados que o solfejo  
Fazia estremecer o coração.

**16**

O ferrador nem sempre tinha mãos  
P'ra dar saída a tantas ferraduras!  
Mais algum esforço e, assim, leves e sãos,  
Os machos na melhor das andaduras.

**17**

As ruas eram limpas e varridas,  
Forradas ou de palha ou de folhagem.  
De lado a lado, ao alto, coloridas  
Fitas, bandeiras, a ondear na aragem.

**18**

E era assim que as festas, mais ou menos,  
Se preparavam, lá na minha aldeia,  
Enquanto se pensava sobre os fenos  
As regas, a vindima ou a arroteia.

**19**

Dos muitos forasteiros prometidos,  
Famíliares, era a maioria.  
Como ficavam tão embevecidos,  
Quando tiravam a fotografia!

**20**

Tudo magia para a pequenada  
Que hoje talvez se lembra, como eu,  
Daquela tão sentida, já passada,  
Vida que foi mas – vejam! – não morreu!



## 21

Porque, reparem! Falta registar  
Para o bom gosto quanta especialidade!  
Vamos, então, com elas recordar  
As mais felizes horas dessa idade.

## 22

Arroz de frango, doces e compotas,  
Espágarros com ovos e com pão,  
Os esses, rochedinhos, vinho em botas,  
Folar de carne, o bolo e o coscorão.

## 23

Os bolos e o arroz de bacalhau,  
Peixes do rio fritos em azeite;  
O requeijão também não era mau  
E o pão-de-ló fazia belo enfeite.

## 24

O arroz doce, o doce de doceira,  
Bola de azeite, o chabilano e azedos;  
Ginjada e marmelada de primeira,  
O folar doce, a rosca e os seus segredos.

## 25

Aos económicos fazendo inveja,  
Impunham-se as rosquilhas de aguardente.  
Farófias e filhós, pouca cerveja  
Que o vinho era mais certo e mais corrente.



**26**

Presunto, salpicão, boa linguiça,  
De ovelha ou cabra o queijo mais gostoso;  
Alheiras, pão de trigo com chouriça,  
Arroz de polvo e um tinto delicioso.

**27**

Havia água da fonte e água da bica,  
Havia milhos doces e salgados,  
Letria... as azeitonas na barrica.  
Os doces de ovos, os envinagrados.

**28**

Já se antevia toda a sensação  
Da missa, do sermão e dos morteiros,  
Da banda a compassar, da procissão,  
Dos hinos e pedidos dos romeiros.

**29**

Também já se anteviam pelo ar  
As lágrimas brilhantes dos foguetes  
E o lucilar dos círios no altar,  
Ao som da flauta, bombo e clarinetes.

**30**

Termino, assim, bastante comovido,  
A minha descuidada e leve errância  
Num tempo que me foi sempre querido  
E sempre foi meu tempo, desde a infância.

## A FESTA DE S. TIAGO

Em Julho, a vinte e cinco, é o S. Tiago.  
Há missa, há procissão e arraial.  
Na missa, reza o povo ao seu orago;  
Da procissão aceita o ritual.

No dia em que já luz e “pinta o bago”,  
Do altifalante um som descomunal  
À noite, no arraial, é bom pressago  
De viva dança, alegre e funcional.

E, enquanto a dança cresce no empedrado,  
Há muita gente que se senta ao lado,  
Em bancos, em caixotes e em cadeiras.

Vê-se no ar o rosto da alegria.  
A madrugada esvai-se, faz-se dia:  
Cresce o silêncio e fogem as canseiras!

## A FESTA DO SANTO

Margem direita do Sabor. A Ermida  
Do Santo Antão da Barca, de Parada,  
Ao sol, parece mancha colorida;  
À noite, uma canção iluminada.

Já o sermão, a missa revivida  
E a procissão com banda apessoada  
Deram lugar à sempre concorrida  
E habitual, fraterna jantarada.

Princípios de Setembro. Corre a festa  
À vista dos foguetes, da giesta,  
Dos perfilados montes, do Estio.

E, enquanto toda a gente folga ou reza,  
O arraial prossegue; e a lua acesa  
Molda figuras brancas sobre o rio.

## A MUDA DO SENHOR DA BARCA

A muda do Divino Senhor da Barca  
Da Sua capelinha ao pé do rio  
P'ra a igreja de Parada é uso; e marca  
A falta de água, como em seco Estio.

Por íngreme caminho, a voz se embarga  
Do povo em prece e canto, em fé e em brio.  
Do alto do andor, protege e guarda  
Jesus a quem Lhe diz: - “Em Vós confio!”

Ao Seu encontro vem a Santa Mãe.  
Não só O cumprimenta mas também  
Junta aos clamores maternal pedido.

E então Seu Filho, vendo tal sofrer,  
Ali, faz o milagre - faz chover  
E faz alegre um povo entristecido.

## A FESTA DE SANTA BÁRBARA

A festa d'Santa Bárbara, no Sardão,  
Calhava em dia de aulas, quase sempre.  
Por isso, em todos nós, o coração  
Andava acelerado e um pouco ausente.

Sermão e missa, a banda, a procissão,  
Raro foguete, andores, prece ardente,  
Um canto de fervor e de emoção,  
Unindo os corações de toda a gente.

Mas como àquela festa poder ir,  
Se os nossos pais e mesmo a professora  
Achavam que o dever estava primeiro?

A única estratégia era pedir,  
Já preparados, mesmo sobre a hora,  
Em choro pedinchão, meio matreiro.



## AS ALMINHAS

Pintadas num bocado de madeira  
Que o tempo e as intempéries vão gastando,  
São as Alminhas – almas expiando  
As próprias culpas de uma vida inteira.

Braços erguidos – prece verdadeira! -,  
As labaredas as estão queimando.  
Ao caminhante, em dor, vão suplicando  
As orações que as livrem da fogueira.

Há quantos, quantos anos ali estão,  
Na berma do caminho p'ra o Sardão,  
Em lágrimas e de olhos para os Céus!

O caminhante pára, reza e passa,  
Pedindo com fervor a santa graça  
Do seu descanso eterno junto a Deus.

## A PROCISSÃO

A procissão, lentamente, passa.  
E passa lentamente a procissão  
Com os andores, o pálio, os anjos e o guião.

Debaixo do pálio, Deus, na Hóstia Santa,  
Abençoa a multidão  
Que reza e canta.

Nos andores, vão os santos mais santinhos.  
E os anjos vão tão lidos, tão branquinhos!

O guião vai à frente.  
Leva-o o moço mais valente  
Da aldeia.

Na torre da igreja, os sinos tocam,  
Erguem ao céu constante melopeia.

Marcha a banda em seu aprumo,  
De acordes enchendo a rua.  
Troam foguetes no ar  
E a procissão continua,  
Vai seguindo devagar.

O sol é ardente. O sol aquece.  
Em cada raio fulgente  
Voa até Deus uma prece.

Das árvores e silvedos  
À procissão que perto deles passa,  
Vão gorjeios de louvor  
Ao Senhor,  
Cheios de amor, cheios de graça.

Na calçada quente e gasta,  
Sobram tapetes de verdura e flores.  
Suspensas das janelas, esvoaçam  
Múltiplas colchas de variadas cores.

E a Procissão continua.

Já virou no fim das Eiras,  
Regressando agora à Praça.  
Rua de Baixo,... o Castelo...  
Majestosa e lenta, passa.

Alternam: a banda, o coro,  
O silêncio, o terço e até  
Um perceptível murmúrio  
De vozes em dor e em fé.

O sino toca. O sino vai tocando,  
Enquanto da Igreja  
A procissão se vai aproximando.

Uma e mais outra e mais fotografias!  
Em repetidas filmagens  
Há quem registre as imagens,  
Vozes, gestos, melodias.

E, enquanto o sino toca, enquanto vai tocando  
E alegrias celestes este sino vai lembrando,  
Passa e lá segue a nossa procissão  
Com os andores, o pálio, os anjos e o guião.

## A BANDA

Chegou a banda e todos se admiraram  
Perante o garbo, a farda e a disciplina.  
Os mais ousados logo se chegaram  
A demonstrar por ela a sua estima.

Com ela pelas ruas desfilaram  
Ao som de marcha célebre que anima.  
E logo que com ela dispersaram,  
Todos se foram rua abaixo ou acima.

Antes, porém, num rápido alvoroço,  
Foi o escolher o músico p'ra o almoço  
- Já conhecido, já de confiança.

De Carviçais, Felgar, Sambade ou Lamas,  
Chacim ou Mogadouro, Izeda ou Canas,  
Rompe na banda um hino de bonança!



## O FOGUETE

Reparem no foguete que subiu  
E, como que parado, estrondeou.  
Foi mesmo em cima. Toda a gente o ouviu  
Logo depois que o brilho se apagou.

O rio, surpreendido, consentiu  
Uma álgida aflição que o assustou.  
O baile nem uma pálpebra buliu  
E sempre em frenesim, continuou.

Os montes, esses, como que temendo  
O som daquele foguete, estremecendo,  
O eco velozmente desprenderam.

Só dentro da capela, frente ao altar,  
Muitos devotos, lágrimas no olhar,  
Aquele estrondear compreenderam.

## OS MEUS HINOS

### I

Divino Senhor da Barca,  
Viemos aqui, prostrados,  
A confessar nossas culpas,  
Nossas faltas e pecados.

Divino Senhor da Barca,  
Bento Filho de Maria,  
Sede nosso amparo e vida,  
Nosso Sol e nosso guia.

Divino Senhor da Barca,  
Santo Filho de Deus Pai,  
Nossas rezas acolhei,  
Nossas preces escutai.

Destes pobres peregrinos  
Que andam à chuva e ao vento,  
Ao sol e por maus caminhos,  
Acolhei este lamento!

## II

Ó Senhora dos Remédios,  
Mãe de Deus e nossa Mãe,  
Cura os nossos males e dores,  
Cura as tristezas também.

Ó Senhora dos Remédios,  
Ó Raio de Luz do Céu,  
Ó Rainha das estrelas,  
Protege o povo que é Teu.

Ó Senhora dos Remédios,  
No lindo azul do Teu manto,  
Guarda as vozes que Te chamam  
Com alegria ou com pranto.

Ó Senhora dos Remédios,  
Que dominas a serpente,  
Alivia as nossas dores!  
Sê-nos bem! Sê-nos clemente!

### III

Santo Antão da Barca,  
Tua companhia  
Aqui te pedimos,  
De noite e de dia.

Santo Antão da Barca,  
Pelo teu amor,  
Sê-nos, para sempre,  
Nosso protector.

Santo Antão da Barca,  
Por tanto romeiro,  
Não deixes de ser  
O nosso barqueiro.

Santo Antão da Barca,  
Nossos corações  
Liberta e protege  
Das más tentações.

#### IV

S. Tiago, padroeiro  
De Parada, pregoeiro  
Da doutrina de Jesus,  
Vimos aqui confiar-te  
A nossa vida e implorar-te  
Para o caminho mais luz.

S. Tiago peregrino,  
Protege o nosso destino,  
Livra-o das sendas do mal.  
Como estrela vigilante  
Que protege o caminhante,  
Dá-nos o amor fraternal.

S. Tiago, acolhe o povo  
Que aqui vem trazer, de novo,  
As suas melhores ofertas.  
Aceita-as e abençoa-as,  
Tu que és bom, tu que perdoas  
A tantas almas desertas.

S. Tiago milagroso,  
Apóstolo virtuoso,  
Como é bom estar contigo!  
Porque tu, santo nos Céus,  
Junto a Jesus, junto a Deus,  
Foste e serás nosso abrigo.



# Lugares



## AS RUAS DA MINHA TERRA

Nas ruas eram cães e eram gatos,  
Porcos, perus, os patos e as galinhas.  
Cabras, ovelhas, os leirões e os ratos,  
Cobras, lagartos, sapos e doninhas.

Rimas de lenha, restos de sapatos,  
Grandes estrumeiras, tidas por vizinhas.  
Cacos de malgas, cântaros e pratos,  
Despejos de água suja e de cozinhas.

Tudo isto misturado com a palha  
Que as ruas tapetava, quando a malha  
Do trigo e do centeio ia correndo.

Assim na minha terra se vivia.  
E, enquanto a Deus suas preces dirigia,  
A gente, resignada, ia sofrendo.

## A ESCOLA

No Cabecinho, a escola. Era pequena.  
Apenas uma sala e um recreio  
De terra quase pó - saudoso enleio  
Gravado no papel a tinta e pena.

Velhas carteiras, velho quadro. Em cena  
A professora e nós; e, pelo meio  
Do mais preocupante e raro anseio,  
Ora o silêncio, ora a cantilena.

Escola que já foi! Agora, ali,  
Revendo aquela sala, nem senti  
O sonho palpitante de criança.

A escola, a professora, os meus colegas...  
Quanta alegria, lágrimas e entregas,  
Ó minha escola, ó barca de bonança!

## A PRAÇA

A praça era um lugar por excelência  
Onde a conversa, às vezes, assumia  
Carácter filosófico e valência  
Do quanto ali passava e se dizia.

Homens notáveis, homens da ciência  
Que a terra no suor lhes transmitia  
Vinham à praça expor com persistência  
Os seus pontos de vista, dia e dia.

Eu vi-os discutir e admirava  
A forma e a postura que mostrava  
Cada um deles para com os demais.

Falavam do trabalho, da pobreza...  
Eram políticos com tal nobreza  
Que permanecem vivos, sempre iguais!

## AS ESCADAS DA PREGUIÇA

Eram de pedra as escadas da preguiça,  
Largas e lisas. Bem!... O pessoal,  
Cumprida a obrigação da santa missa,  
Nelas sentado não se achava mal.

Domingo, no Verão. O sol atíça  
A língua maldizente, o gesto e tal ...  
Até que a luz se esvai, quase mortiça,  
O riso é permanente e é geral.

As escadas da preguiça eram na praça.  
Sujeitas aos baldões que a vida traça,  
'Inda lá estão, mas muito transformadas.

Como me lembro delas! Eu gostava  
De pertencer ao grupo que as tomava  
E as imortalizou, às gargalhadas.



## O TERREIRO

Quero falar agora do Terreiro,  
Este lugar de mil recordações:  
Um largo tão alegre e tão festeiro  
Pelo convívio e fortes emoções!

Lugar tão procurado e soalheiro,  
Ali se entabulavam discussões;  
Ali o conversar domingo inteiro,  
Ali o convergir de informações.

Era o Terreiro o largo das cascatas,  
De festas animadas e tão gratas  
Que os corações enchiam de alegria.

Era o Terreiro o centro deste mundo  
Ao qual nos leva, idólatra e profundo,  
Ainda hoje, um eco de magia.

## A ADEGA

A adega é a despensa de uma casa  
E tem esta virtude singular:  
No Inverno, não nos deixa o frio entrar  
E no Verão, o fresco é um dom, de graça.

Térrea, sombria, solitária e rasa,  
Em velhos sítios água a ressumar,  
Pregos nas traves para pendurar,  
Paredes nuas... cal ou argamassa.

Nela se guarda o vinho, o pão e o azeite,  
O bacalhau, o cereal e o leite,  
Melões, batatas, couves e feijão.

E, às vezes, porque a adega é larga e farta,  
Dá de comer ao grilo e à lagarta,  
Dá de comer ao gato, ao galo e ao cão.

## A TABERNA

Era a taberna como que um buraco  
Iluminado, à noite, p'la candeia,  
Onde imperava, às vezes, o deus Baco,  
Após frugal, pesada ou rara ceia.

Ali a jogatina, taco a taco,  
Ali o ver o fundo da remeia,  
Ali, a voz do forte na do fraco,  
Ali, muita palavra grossa e feia.

Era a sueca, a bisca, o chincalhão...  
Jogava o ébrio, o sóbrio, o retilão...  
Se havia insulto, havia carvalhada.

E quando as coisas iam às avessas,  
Se o retilão não era de conversas,  
As coisas resolvia à navalhada.

## AS FONTELAS

Quem não se lembra hoje das fontelas,  
Aqueles poços de água resguardadas  
Que, pelos campos, tínhamos cuidadas,  
À luz do sol, da lua e das estrelas?

Debaixo de uma fraga, era revê-las.  
Por entre algumas silvas escavadas,  
No leito de um regato procuradas,  
Além do mais, era preciso tê-las.

Pois nós, com tanta sede a reclamar,  
Só nas fontelas íamos achar  
Todo o consolo da água mais sadia!

Fontelas? Onde param? Onde estão?  
Já só as trago na imaginação  
Para as cantar, assim, nesta poesia.

## A LÂMPADA E O RIO

Repara! É de milhafre aquele ninho  
Meio escondido no pendor da fraga.  
Não te parece que ali está sozinho,  
Qual Vénus branca em baça madrugada?

Olha o silêncio e a curva do caminho  
Que se prolongam no ondear que alaga;  
E sob o ondear, a velha mó do moinho,  
A suplicar abraços de uma draga.

Recorda a vida plena de beleza,  
Filha de sons e bens da Natureza.  
Onde é que pára? Quando voltará?

Sem ninhos, sem milhafres, sem afectos,  
Que não se esgotem todos os projectos  
Na lâmpada que o rio acenderá!



## CANÇÃO A DUAS VOZES

### 1

Além, meu neto, além era o Sabor.  
E aquelas pedras meio deslavadas  
Que vês sair das águas tão paradas  
São os cabelos de altos fragaredos  
Tanto que a mim e aos teus e meus avós  
Causavam medos.

### 2

Além, meu neto, além era o Sabor.  
E aqueles peixes, lentos, a nadar,  
Parecem vidas quase a desmaiar;  
E sentem aflição por não poderem  
Tirar dali melhores alimentos  
Para crescerem.

### 3

Além, meu neto, além era o Sabor.  
E este barulho surdo, murmurando,  
É a voz de um povo triste, suplicando  
Que lhe devolvam o rio como ele era:  
Um valentão humilde, sempre amigo,  
Do povo à espera.

4

Além, meu neto, além era o Sabor.  
E aquelas aves meio estonteadas  
Já nem sequer criaram as ninhadas.  
O que há-de ser da espécie a que pertencem?  
Foram, voltaram, viram, exploraram...  
Será que vencem?

5

Que altivas oliveiras e amendoeiras  
Vês aninhadas na água que as consome  
Num sorvedouro amargo desta fome  
De tanto consumir para vencer?  
As tristes oliveiras e amendoeiras  
Hão-de morrer!

6

Os zimbros nos fraguedos e os sobreiros  
Em campo aberto, longe de tais águas,  
Vão acenando aos picos dessas fráguas  
Quase afogadas - ontem descobertas.  
E porque muitas aves se afastaram,  
Quase desertas.

7

Além, meu neto, além era o Sabor,  
O rio dos salgueiros e das jogas,  
Das rascas e dos barbos e das bogas,  
O rio das enguias e das lontras,  
Dos areais, dos pássaros cantantes,  
Com que não contas.

8

Além, meu neto, além era o Sabor  
De Santo Antão, Parada e Vilarchão,  
O rio de Meirinhos e Sardão,  
De Santo André, S. Pedro e do Felgar,  
Da Quinta do Ruano e Quinta Branca,  
Rio de amar.

9

Além, meu neto, além era o Sabor.  
E aquele lixo numa e noutra margem  
Será produto claro de paragem  
Das águas que a barreira trava e corta  
Criando poluição e gravidade  
De vida-morta?

10

Além, meu neto, além era o Sabor.  
Era o Sabor, o rio dos moinhos,  
O das barrelas, do curar dos linhos,  
Dos diques e das barcas e dos poços,  
Dos vaus aconchegados, que hoje – vê!  
Não mais são nossos.

11

Debaixo dessas águas que aí vês,  
Foi-se o pomar das verdes laranjeiras,  
Das uvas pretas foram-se as videiras...  
Que erva-peixeira espalha o seu odor?  
Eram ribeiros e riachos. E hoje?  
Nada pior.

## 12

Tantos males assim neste Sabor  
Que foi! O não-Sabor do marulhar  
Das águas; não-Sabor do chapinhar  
De quantos pescadores ali foram.  
P'lo não-Sabor muitos milhares de olhos,  
Dolentes, choram.

## 13

Porém, meu neto, escuta mais um pouco.  
Senta-te aqui, à sombra desta fraga.  
Falemos de outra forma desta saga  
Que a vida nestes montes nos criou.  
Falemos dos valores do progresso  
Que aqui chegou.

## 14

Repara e vê. Por dentro da parede  
Toda cimento, ferro e fortaleza,  
Que faz com que se forme esta represa  
Ciclópica, tremenda, imensa e funda,  
São as condutas da água que fervilha  
Feroz, fecunda.

## 15

Água que põe turbinas a cantar,  
Os dínamos em pleno rodopio,  
E deles a sair, ao desafio,  
Toda a energia eléctrica sonhada  
Por quantos trabalharam na estrutura  
Que vês criada.



16

Depois, além, após o paredão,  
Aquele plaino verde sobre as margens  
Será que é um prado rico de pastagens?  
E as manchas de amarelo-esverdeado  
Não te parece serem laranjeiras,  
Junto do prado?

17

Olha! Verdejam mais outras culturas.  
Isto, afinal, é fonte de riqueza!  
E quanto se temeu p'la Natureza  
A pouco e pouco, aqui se esbate e morre.  
Frescura e flores – tudo faz sentido.  
E o rio corre.

18

O rio-outra-vez, já recriado.  
E, neste rio que assim corre e brilha,  
Vê-me estes peixes e esta maravilha:  
Quantas crianças brincam descuidadas,  
Pelas cascatas, nas areias brancas,  
Às apanhadas!

19

Voltemo-nos agora p'ra a nascente.  
Depois de atrás deixarmos a albufeira,  
Repara na quietude da ladeira,  
Na vida que rodeia o nosso rio,  
Tal qual, bem mais abaixo, rodeava,  
De Estio a Estio.



## 20

As aves são as mesmas. São iguais  
Às margens afundadas estas margens.  
Olha o cultivo e o verde destas vargens,  
Olha o reflexo deste sol nas águas.  
E, olhando mais além, vê como falam  
Aqueles frágua.

## 21

Submersos, correm barbos, correm bogas.  
Ali, a cobra de água voluptuosa.  
E, sobre as águas, mira-se, vaidosa,  
A folha fresca e verde do salgueiro.  
A mó deste moinho já foi pão  
Para o moleiro.

## 22

Lá estão também as rascas e as jogas,  
A erva-peixeira, os musgos e o junco.  
E as aves de rapina em bico adunco  
Outra ave segurando p'ra alimento.  
Aqui, meu neto, os peixes já recolhem  
Outro sustento.

## 23

Que calmo murmurar nos vem do rio!  
Que doces sentimentos nos envolvem!  
Que lúcidos momentos nos devolvem,  
Que sonho, que transportes e que paz  
Estes recados mágicos que o vento  
Do rio traz!

24

Deixemo-nos levar pelo sossego  
Que o aroma deste rio nos entrega.  
Não mais lutemos uma luta cega!  
Por muito que o queiramos, pouco é certo;  
E há lutas que se perdem à nascença,  
Querido neto.

## UMA ROSEIRA

Uma roseira enlaçada  
Ao tronco de uma oliveira  
Deu-me uma rosa encarnada,  
Muito bela e perfumada,  
Na frescura da ribeira.

Cresce, ao lado da roseira,  
Uma açucena florida.  
E alegre, viva, ligeira,  
Dá-lhe a mão, por companheira,  
Uma linda margarida.

Ondulando ao vento incerto,  
Cresce a garrida papoila.  
E todo o campo coberto  
De vermelho, ao longe e ao perto,  
Lembra o rosto de moçoila.

Abrolhos, cardo e macela  
Espalham verdes no chão.  
Gramíneas e pimpinela  
Roxa, azul e amarela  
- Bonitos quadros que são!

Há silvas por todo o lado.  
Um ulmeiro definhou.  
Mas o junco renovado  
No veio de água plantado  
Renasceu, reavivou.

Já no horizonte violeta,  
A fogo, desenha e imprime  
A cromática paleta  
Na mão firme do poeta,  
Um quadro-fogo sublime.

# Árvores





## CANÇÃO PARA A AMENDOEIRA

Cantemos a amendoeira,  
Nesta canção de alegria!

A amendoeira nasceu,  
Cresceu e sorriu,  
Sorriu e deu flor.  
Da flor a amêndoa nos deu  
Que o povo colheu  
E tem, com amor.

Cantamos-te, amendoeira,  
Uma canção de amizade!

Viva, viva, amendoeira!  
Levanta os teus braços  
Teus braços ao alto!  
És a nossa companheira,  
Na dura ladeira,  
No brando planalto!

Cantamos-te, amendoeira,  
Uma canção de embalar.

Quando de branco te vestes,  
És como uma noiva:  
Que noiva florida!  
Mas, mal das folhas te despes,  
Amigos como estes,  
Te trazem mais vida.

Cantamos-te, amendoeira,  
Uma canção de louvor.

Já velhinha, o sol doirado  
Te dará mais brilho,  
Ternura e alento.  
E nunca serás passado,  
Pois logo a teu lado,  
Terás teu rebento.

Cantamos-te, amendoeira,  
Uma canção de “Obrigado!”

Viva, viva, amendoeira!  
Levanta os teus braços,  
Teus braços ao alto!  
Serás sempre companheira  
Na dura ladeira,  
No brando planalto!

## AS CAMPANÁRIAS

As campanárias eram oliveiras  
Tão fortes e tão grandes, tão frondosas,  
Tão férteis, verdejantes e altaneiras  
Como eram belas, sãs e generosas!

Para limpá-las, não sei quantas jeiras,  
Para cavá-las, fortes mãos calosas;  
P'ra varejá-las, duras mãos certeiras,  
Para apanhá-las, mãos silenciosas.

Quase tão altas como um campanário,  
O nome lhes puseram arbitrário  
- Pés bem assentes em tão grato chão.

Porém, um dia, alguém que as varejou  
Com muito medo, braços lhes cortou  
E agora campanárias já não são.

## A LATADA DAS FILHADAS

Havia, nas Filhadas, a latada  
- Bem perto do abrigo de madeira -  
Todos os anos linda e carregada,  
Na qual sobressaía uma videira.

Nas uvas, um regalo. Estruturada  
Em forma de fileira com fileira  
E em postes de madeira bem firmada,  
Era canção de verde feiticeira.

Depois aquela sombra tão fresquinha  
Que, da latada, no Verão, nos vinha  
Enchia-nos de paz o coração.

Dela me lembro sempre, quando vem  
Trazer-me do melhor que ainda tem:  
Esta aguardada e pura comunhão.

## AS LARANJEIRAS DA EDREIRA

As laranjeiras eram na Edreira,  
Bastante longe, perto do Sabor.  
P'ra lá chegarmos, toda uma canseira,  
Pelo caminho, o tempo e o calor.

Domingo à tarde, e só, pela torreira  
Do cáldo Verão, era um pavor,  
A caminhar nas curvas da ladeira,  
De macho e a pé, coberto de suor.

Enquanto ia regando, o medo vinha  
De lobos, de bruxedos, de fuinha,  
De mortos, feiticeiras e magia.

E mal a última gota de água entrava  
Na terra sequiosa, eu retornava  
E logo, muito à pressa, me benzia.



## CANÇÃO PARA A MINHA FRÁGIL FIGUEIRA

No terraço da minha garagem,  
Tenho uma frágil figueira.  
Ágil, pequena e grácil,  
Viçosa, alegre, ligeira.

Corre-lhe, perto, um ribeiro  
Coberto por um silveiro.  
Mas, das magras águas  
Que, desse leito, eventualmente sobem,  
As raízes da minha figueira  
Nem uma gota sorvem.

É por isso que, às vezes,  
Ao sol ardente do Verão  
E ao rigor de um vento quente  
Que a penetra inteira,  
A minha frágil figueira não consegue resistir.

Tem medo da sede,  
Tem medo das labaredas e do brasido insano  
Que, neste meu País,  
Ostentosamente renasce, de ano a ano;  
E tem medo também de não cumprir  
A sua obrigação:  
A de dar figos que, no seu devido tempo,  
Outras figueiras como ela dão.

Como nada mais por ela sei fazer,  
Dá-me, então, a sensação  
De que o melhor será ter-me ali à mão  
Para a alimentar, dar-lhe de beber  
E encorajá-la a suportar a vida  
Com esta minha também frágil  
Mas generosa canção.

## CANÇÃO PARA A CEREJEIRA

Olha a cerejeira  
De verde vestida.  
Olá, cerejeira!  
Poema de vida!

Olha a cerejeira  
De sombra fresquinha!  
Olá, cerejeira!  
Tão viva e tão minha!

Olha a cerejeira  
Coberta de flor.  
Vai dar-me um raminho  
Para o meu amor.

Olha a cerejeira.  
- Cerejas vermelhas!  
Vai dar-me um brinquinho  
P'ra pôr nas orelhas.

Olha a cerejeira!  
Cereja branquinha!  
Deixa-me colhê-la  
P'ra encher a cestinha.

Olha a cerejeira  
Da cereja preta!  
Vai dar-me um raminho  
P'ra pôr na jaqueta.

Olha a cerejeira  
No Inverno despida!  
Olá, cerejeira!  
Promessa de vida!

Adeus, cerejeira,  
Que me vou embora.  
Nem na despedida  
Mais triste se chora.

## O OLMO DO TRONCO

Ao pé da minha casa, no Castelo,  
Havia um tronco p'ra ferrar os bois.  
E, junto ao tronco, um olmo forte e belo,  
Velho de velhos e incontáveis sóis.

Alto, frondoso, era um milagre tê-lo  
Ali à mão, para uma sombra, a dois.  
Cheio de folha ou nu, que bom revê-lo  
Na galeria verde dos heróis!

À sombra dele, havia os latoeiros,  
Pobres, ciganos e aventureiros,  
Perus, galinhas, porcos e pardais.

Tudo se foi, perdido, como o vento:  
Nem sombra, nem viveres nem alento,  
Porque, hoje, o olmo não existe mais.



## A DÁDIVA DO SOBREIRO

Dá-nos cortiça, a lenha e a bolota,  
Dá-nos abrigo, a sombra e a madeira.  
Como um castelo de alma verdadeira,  
Não conheceu nem pensa na derrota.

Da terra bruta, qual ciclope, brota  
Este sobreiro perto da ribeira.  
Rasga no ar a nuvem mais inteira  
E para longe o mau-olhado enxota.

Guarda nos ramos pássaros e ninhos,  
Protege fugitivos, pobrezinhos,  
Cala segredos íntimos de amante.

Mostra às estrelas, mostra ao Sol e à Lua  
Aquela excepcional, aquela sua  
Magnânima coragem de gigante!

## AQUELE ZIMBRO

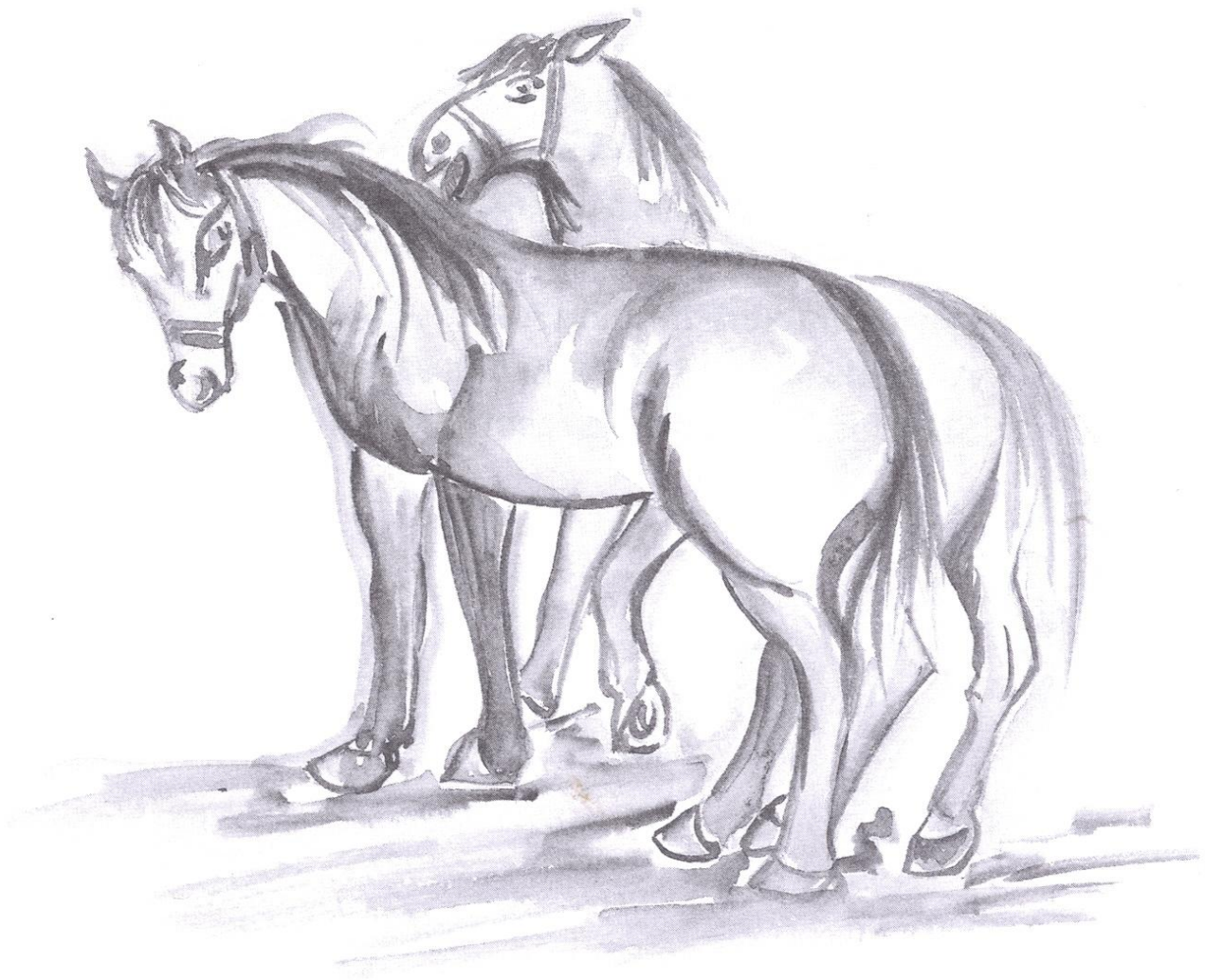
Aquele zimbro além, tão elegante  
E solitário na ladeira agreste,  
Anseia, num esperar firme e constante,  
Por aventura amiga que lhe preste.

Embora se mantenha cativante  
Naquele porte sólido que veste,  
Parece algumas vezes tão distante  
Que nem dá conta de quem nele investe.

Zimbro que o dono tem predestinado  
A ser a trave mestra do telhado,  
Na casa a construir nessa ladeira,

Nem sonha que o dentar de enorme serra  
Há-de deixá-lo morto sobre a terra  
Até que o dono venha e o requeira.

# Animais



## OS NOSSOS MACHOS

Nós tínhamos dois machos bem valentes,  
Os nossos companheiros de trabalho!  
Os machos, sempre prontos e contentes,  
Para o caminho largo ou para o atalho.

Meu pai é que os tratava. Reluzentes  
De ferraduras, iam no cascalho;  
Iam, puxando o carro em várias frentes,  
Iam, puxando o arado, ralho a ralho.

De albarda ou em pêlo, nós os cavalgávamos.  
Como eles, na ladeira, nos cansávamos,  
Se a carga era pesada e nós a andar.

Em quanto era lavoura, os nossos machos,  
A par das mãos calosas e dos sachos,  
São cândidos heróis a recordar!

## O BURRO

Deitou-se um burro à sombra de um sobreiro,  
Agradecendo ao dono aquele descanso.  
E, ao descansar, gozando o seu remanso,  
Pôs-se a zurrar num épico berreiro.

As moscas sacudia do traseiro,  
O rabo ao manobrar, feito ripanço,  
De orelhas levantadas, olho manso,  
Casco dorido – ingénito matreiro.

Àquele berro o lobo respondeu  
Com uivos tão ferozes que o sandeu  
Se pôs logo a correr, num par de botas.

- “Que grande besta sou! Se não berrasse,  
‘Inda, talvez, à sombra descansasse,  
A remoer o gosto das bolotas!”



## O BURRO ENAMORADO

Comendo as ervas tenras do lameiro,  
Ao sol do mês de Abril calmo e molhado,  
O burro ia pensando, enamorado,  
A qual das duas se daria inteiro.

À ruça e feia, o amo, fazendeiro,  
Um belo dote já lhe tem guardado.  
À loira e linda, o dono desregrado  
Vai devorando, aos poucos, o dinheiro.

- Decide-te! - dizia-lhe o patrão.  
- Não penses tu que sempre desta mão  
Te vais alimentar, feito jerico!

E foi pensando no que disse o velho  
Que o burro decidiu ir ao cortelho  
A declarar-se à burra do mais rico.

## ZURRA O BURRO

### 1

Zurra o burro no lameiro,  
Canta o melro no ribeiro,  
O sol, brilhando, fascina.  
No quente da Primavera,  
Ali, dispersa, na terra,  
A semente incha e germina.

### 2

Zurra o burro nas quebradas,  
Nas veredas apertadas,  
Nas colinas e nos montes.  
A lebre treme de medo,  
Voa e foge o passaredo,  
Cantam alegres as fontes.

### 3

Na vertente da colina,  
Cresce triste uma bonina,  
Oculta pelo silvado.  
Mas o olhar do entardecer,  
Feito carmim, quase a arder,  
Dá-lhe a mão, como em noivado.

4

Agreste, o cardo campeia  
Nas agruras que semeia  
Pelo campo que o envolve.  
O chão fértil, prenhe e casto  
Às ovelhas dá seu pasto,  
O quente do sol devolve.

5

E é no meio da riqueza  
Desta grata Natureza,  
Que o burro resfolga e zurra.  
É que o desalmado alvar  
Viu, por ali, a pastar  
A mais deslumbrante burra!

## OS PORCOS

A porca deu sinal. Vai ter leitões.  
E à noite, no cortelho sufocante,  
A minha mãe, à luz dos lampiões,  
Aguarda preparada e expectante.

- “Três já cá estão!” E, mesmo aos empurrões,  
Começam a mamar, naquele instante.  
Depois, mais outros três bem matulões  
Completam a ninhada farta e impante.

Da malga que seguro contrafeito,  
A minha mãe o azeite retirou.  
E com um pano, levemente e a jeito,

O rabo dos leitões todos untou.  
- “Para que cada um cresça escorreito!”  
Assim a minha mãe sentenciou.

## A RAPOSA E O GALO

Nas silvas gotejantes do ribeiro,  
Que a névoa amanhecida percorreu,  
Ligeira, uma raposa resolveu  
Abrir o seu caminho ao galinheiro.

Num golpe imprevisível mas certo,  
Amancebada ao galo, se encolheu.  
E logo um belo frango suspendeu  
Do queixo sanguinário e matreiro.

Pela manhã, a dona das galinhas,  
Desconfiada, leu nas entrelinhas  
De um vago mas febril cacarejar.

Andavam elas todas enraivadas,  
Pois que, se bem que fossem obrigadas,  
Não mais o galo haviam de cheirar.



## O TESTAMENTO DO GALO

Era uma vez um galo peneirento  
Que andava atrás de todas as galinhas.  
P'ra todas eram só doces falinhas,  
Puxadas quase sempre ao sentimento.

Elas, então, ao lerem seu intento,  
Trocavam impressões com as vizinhas  
A quem pediam soros e mezinhas  
Para o pedante espicho e lazarento.

Mas, mesmo assim, o galo piorava  
E, às tantas, nem sequer se endireitava,  
Calcorreando, a custo, o galinheiro.

Até que um dia, vendo-se esquecido,  
Desanimado e só, meio perdido,  
Fez testamento ao galo seu herdeiro.

## O CÃO

Era uma vez um cão meio cansado  
De tanto percorrer o agreste termo  
À cata da perdiz e a guardar gado,  
Atrás do mais somítico estafermo.

Sempre vivaz, alegre e descuidado,  
Nunca pensou tornar-se assim enfermo,  
Num abandono claro e meditado  
Por esse dono ingrato e subalterno.

Até que um dia, cheio de coragem,  
Assim falou, olhando a sua imagem,  
Daquele dono, grande mandrião:

- Sofri a sede, a fome e o cansaço,  
Alimentei desejos de um madraço...  
E agora o que me resta? A solidão!

## O GATO

Era uma vez um gato inteligente  
Que ronronava ao canto da lareira.  
Com um olho vigiava toda a gente;  
O outro tinha-o posto na mosqueira.

Um grande preguiçoso e delinquente,  
Assim se foi safando, a vida inteira,  
Até que um dia a dona, de repente,  
O gato repreendeu desta maneira:

- Olha-me cá, meu velho matreirão.  
Se continuas sempre assim lambão,  
Ainda vais ficar trôpego e chato.

Então, o animal, vendo-se só,  
Deu meia volta e foi cheirar o pó,  
A ver se retrincava um pobre rato.

## AS ABELHAS

Nas flores da ameixeira do quintal  
Que o breve sol de Março beija e aquece,  
Um áspero zumbido permanece  
Feito das mil abelhas do giestal.

Em cada flor, a dança sensual.  
Por cada abdómen dólcido que cresce  
Há néctar que se evola e que fenece,  
Há réplicas de intenso ritual.

É grande este trabalho, este vaivém,  
A azáfama, o controle, o fazer bem  
Para que o mel aumente na colmeia.

Engorda-se no favo a abelha-mestra.  
Perdem-se vidas no furor da cresta  
Mas o enxame do giestal campeia.

## A PERDIZ

Os perdigotos vagam no restolho  
E, atentos, não descuram a voz da mãe;  
A mãe que os vai manter debaixo de olho,  
Mesmo não vendo por ali ninguém.

Ao mínimo sussurro, leve escolho,  
Lá vai muito apressada como quem  
Procura transformar todo o abrolho  
Na mais apologética cecém.

Transporta o nervosismo e o cuidado  
Daquele que se sente ameaçado  
Mas desconhece a fonte do perigo.

Olha, rasteja, corre ou esvoaça,  
Morre de susto na época da caça  
E crê seu ninho como ansiado abrigo.



## AS ANDORINHAS

Chegam em Março as andorinhas. Vede  
Como esvoaçam leves e contentes!  
Da nossa casa miram a parede  
Onde farão seus ninhos bem assentes.

Olhem-me aquela! Vai beber. Tem sede  
Nas suas vindas e idas tão frequentes.  
Reparem mais na outra que a precede  
A perseguir insectos reluzentes.

Com barro fazem o ninho bem forrado  
A pêlo e penas – mil e um cuidado,  
Não vão seus filhos tê-lo insalubre.

As andorinhas! Meigas criaturas  
Que, ao prometerem centos de aventuras,  
Se vão embora, quando vem Outubro.

## OS PARDAIS

Chiando p'los telhados e beirais,  
Bebendo a liberdade do momento,  
Reparem como brincam os pardais,  
Bolinhas vivas cheias de talento.

Ora gulosos, ora bem frugais,  
Conforme o muito ou pouco alimento,  
Eles resistem, eles são iguais  
Nas exigências para o seu sustento.

Fazem o ninho fofo e bem cuidado  
No de andorinha, em olmos, no sobrado  
De velhos forros de ignoradas casas.

Cruzando o ar da nossa terra, são  
Felizes os pardais. Vede, lá vão  
Batendo, alegremente, as suas asas.

## A COBRA E O RATO

A cobra, insidiosa, deslizava  
Por entre o feno leve do lameiro,  
Enquanto o rato, feito preguiceiro,  
À sombra de umas folhas descansava.

O Sol a Natureza iluminava  
Como um enorme e quente fogareiro.  
Passava perto um velho formigueiro  
E um pintassilgo na árvore cantava.

Como febril, a cobra se eriçou  
E, num ataque firme, abocanhou  
Aquele rato assim desprevenido.

Calou-se o pintassilgo de repente,  
O velho formigueiro foi em frente  
E o ar susteve um pálido gemido.

## OS LOBOS

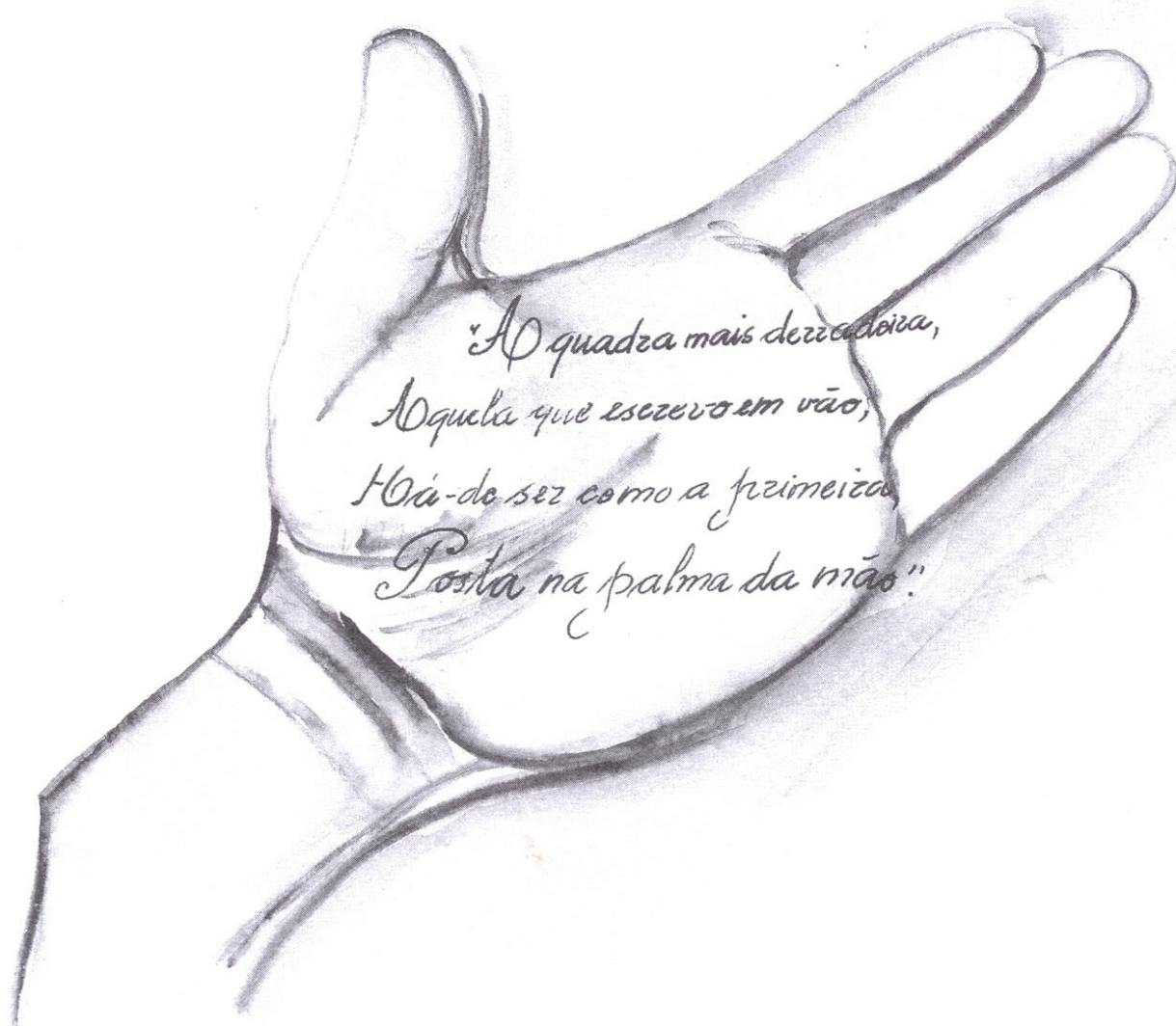
Os lobos eram maus pelos rebanhos  
Que, às vezes, impiedosos, dizimavam.  
Por isso, ferozmente se matavam  
Por segurança, valentia e ganhos.

Ao lombo dos jumentos mais estranhos,  
Pelos povoados muitos os mostravam.  
E, enquanto uma moeda arrecadavam,  
Às reses retiravam males tamanhos.

Assim tão perseguidas, maltratadas,  
(Até em velhos contos de oiro e fadas),  
Tais criaturas foram-se perdendo.

Que lobos sobrevivem? Pela serra,  
Aqueles que ainda restam estão em guerra  
E, aos poucos, vão fugindo e vão morrendo.

# Apêndice





## QUADRAS NA PALMA DA MÃO

1

Liberdade feita em pão,  
Em luta-Abril concebida,  
Na palma da tua mão,  
Quanta vida repartida!

2

Mal os abris se cumpriram,  
Dando luz às nossas casas,  
Grades de ferro exigiram  
Ser cruzes em campas rasas.

3

Os sons de bota cardada  
Aos poucos, se diluíram,  
Porque, ao toque da alvorada,  
*“Armas em cravos floriram”*.\*

4

Do lume das nossas casas  
Já não brota escuridão.  
Trouxeram-nos outras brasas:  
*“Maio em flor; luta-canção”*.\*

---

\*Motes para Jogos Florais da Freguesia de S. Domingos de Rana, Cascais.

5

Mesmo sendo perseguida  
Em lágrimas, dor e pão,  
Há-de um dia ser a vida  
Esperança e redenção.

6

De mãos postas para o céu,  
Segurando grão a grão,  
O lavrador entendeu  
Como Deus tinha razão.

7

‘Inda bem que a liberdade,  
Numa certa ocasião,  
Percebeu toda a verdade  
Contida na solidão.

8

O sino do campanário,  
Batendo as horas que são,  
Fez fiel depositário  
Dos votos este caixão.

9

A liberdade entendeu  
Que não lhe davam razão,  
Se não tivesse de seu  
Dialogar com perdão.

**10**

O negro das andorinhas  
Tocou-me no coração  
E fez-me lembrar que vinhas,  
Meu amor, minha paixão.

**11**

Nada mais certo do que isto:  
Por cada dedo da mão,  
Em segurança registo  
Notas soltas de canção.

**12**

Depois que as gentes unidas  
Pão e vinho repartiram,  
Não mais as noites doridas  
Que as cansaram e afligiram.

**13**

O Abril e o Maio unidos  
Geraram tanta união  
Que os corações mais feridos  
Jamais feridos serão.

**14**

A quadra mais derradeira,  
Aquela que escrevo em vão,  
Há-de ser, como a primeira,  
Posta na palma da mão.



# ÍNDICE

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Nota editorial .....     | 3  |
| Prefácio .....           | 5  |
| Nota introdutória .....  | 9  |
| Notas explicativas ..... | 13 |
| Agradecimentos .....     | 15 |
| Dedicatória .....        | 16 |

## INTRÓITO

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Uma Canção .....         | 18 |
| Luta e Canção .....      | 19 |
| Alfândega da Fé .....    | 20 |
| A Fonte de Cima .....    | 21 |
| Parada .....             | 22 |
| S. Tiago .....           | 23 |
| Quando, cansados... ..   | 24 |
| A Barca desta Vida ..... | 25 |

## PESSOAS

|                        |    |
|------------------------|----|
| Dignidade .....        | 28 |
| Meu Lar, meu Ser ..... | 29 |
| O Lavrador .....       | 30 |
| O Cavador .....        | 31 |
| A Tecedeira .....      | 33 |
| A Mondadeira .....     | 34 |
| Os Pobrezinhos .....   | 35 |
| É de Oiro... ..        | 36 |
| Quadro Maternal .....  | 37 |
| A Doença .....         | 38 |
| Tragédia .....         | 39 |
| Drama .....            | 40 |
| Anti-Bucólica .....    | 42 |

|                      |    |
|----------------------|----|
| Quadras Breves ..... | 45 |
|----------------------|----|

## TRABALHOS

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Como Exemplo .....            | 48 |
| A Colheita .....              | 50 |
| O Pão do Povo .....           | 52 |
| O Pão que Deus Ofereceu ..... | 53 |
| A Segada .....                | 55 |
| O Linho .....                 | 56 |
| O Incêndio .....              | 59 |
| Carros de Machos .....        | 60 |
| A Matança do Porco .....      | 61 |
| Utensílios de Trabalho .....  | 62 |

## DIVERSÕES

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Jogos e Outros Passatempos ..... | 68 |
| A Bola .....                     | 73 |
| A Caça .....                     | 74 |
| A Ronda .....                    | 75 |
| As Cartas .....                  | 76 |
| As Cascatas .....                | 77 |
| O Entrudo .....                  | 78 |
| O Ferro .....                    | 79 |
| O Fito .....                     | 80 |
| O Pião .....                     | 81 |
| Os Reis .....                    | 82 |

## RELIGIOSIDADE

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| A Igreja .....                  | 84 |
| O Cemitério .....               | 85 |
| Preparação para as Festas ..... | 86 |



|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| A Festa de S. Tiago .....       | 92  |
| A Festa do Santo .....          | 93  |
| A Muda do Senhor da Barca ..... | 94  |
| A Festa de Santa Bárbara .....  | 95  |
| As Alminhas .....               | 96  |
| A Procissão .....               | 97  |
| A Banda .....                   | 100 |
| O Foguete .....                 | 101 |
| Os meus Hinos .....             | 102 |

## LUGARES

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| As Ruas da Minha Terra ..... | 108 |
| A Escola .....               | 109 |
| A Praça .....                | 110 |
| As Escadas da Preguiça ..... | 111 |
| O Terreiro .....             | 112 |
| A Adega .....                | 113 |
| A Taberna .....              | 114 |
| As Fontelas .....            | 115 |
| A Lâmpada e o Rio .....      | 116 |
| Canção a Duas Vozes .....    | 117 |
| Uma Roseira .....            | 124 |

## ÁRVORES

|                                           |     |
|-------------------------------------------|-----|
| Canção para a Amendoeira .....            | 128 |
| As Campanárias .....                      | 130 |
| A Latada das Filhadas .....               | 131 |
| As Laranjeiras da Edreira .....           | 132 |
| Canção para a Minha Frágil Figueira ..... | 133 |
| Canção para a Cerejeira .....             | 135 |
| O Olmo do Tronco .....                    | 137 |

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| A Dádiva do Sobreiro ..... | 138 |
| Aquele Zimbros .....       | 139 |

## ANIMAIS

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| Os Nossos Machos .....     | 142 |
| O Burro .....              | 143 |
| O Burro Enamorado .....    | 144 |
| Zurra o Burro .....        | 145 |
| Os Porcos .....            | 147 |
| A Raposa e o Galo .....    | 148 |
| O Testamento do Galo ..... | 149 |
| O Cão .....                | 150 |
| O Gato .....               | 151 |
| As Abelhas .....           | 152 |
| A Perdiz .....             | 153 |
| As Andorinhas .....        | 154 |
| Os Pardais .....           | 155 |
| A Cobra e o Rato .....     | 156 |
| Os Lobos .....             | 157 |

## APÊNDICE

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| Quadras na Palma da Mão ..... | 160 |
|-------------------------------|-----|

|              |     |
|--------------|-----|
| Índice ..... | 163 |
|--------------|-----|





Como formador certificado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores, orientou cursos de formação para professores sobre Avaliação e Intervenção Educativa.

A certificação acima referida abrange as áreas e domínios de: Administração Educacional; Avaliação; Organização do Sistema Educativo; Área Escola; e Práticas de Avaliação do Rendimento Escolar, com aplicação a educadores de infância e professores dos ensinos básico e secundário.

No decorrer da actividade profissional, fez questão de frequentar também cursos de formação relacionados com aquela actividade.

A sua ligação, por vários anos, à Educação de Adultos constituiu uma excepcional experiência que sempre o acompanhou e fez com que se apercebesse, de perto, de problemas sociais enquadrados, sobretudo, na terceira idade.

Em Moçambique, durante a permanência na guerra, conviveu com grupos de jovens que se dedicavam às letras, tendo esta experiência constituído um oportuno reforço na corrida para a prática literária.

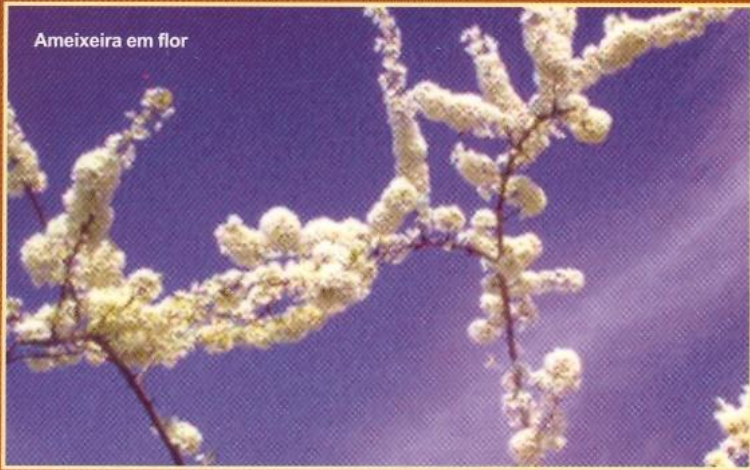
Aposentado do Ensino Primário, leccionou na Escola Superior de Educação do Instituto Jean Piaget do Nordeste, em Macedo de Cavaleiros.

É autor de letras para Grupos de Cantares e Coros Infantis que também dirigiu.

Como edição da Câmara Municipal de Alfândega da Fé, publicou, em 2004, o livro de poemas **Rio Sabor**. É co-autor de **Poetas de Sempre** – VIII, IX e X volumes.

Foi redactor do “Diário”, de Lourenço Marques e colabora regularmente no “Mensagem de Bragança”, no “Notícias de Mirandela” e no “Jornal dos Poetas & Trovadores”.

Ameixeira em flor



*“Em **Luta e Canção** também Manuel Gouveia junta o seu canto ao canto do cavador, da tecedeira, do lavrador... [...] e ao “de outros seres, vivos e inanimados.”*

*“ [...] Canta lugares, objectos e tradições perdidas, bem como a natureza que por vezes efabula.”*

*“E a memória de Manuel Gouveia transporta memórias para **Luta e Canção** memórias de tradições, de sentimentos e até de sentidos como paladar, som, cheiro, tacto e cor.”*

(Do “Prefácio”)

*“Quando encosto o ouvido ao vento, há alturas em que oiço ainda o falar de pessoas da minha terra que há muito nos deixaram, ao mesmo tempo que as visualizo na sua maneira de estar, de conviver e de trabalhar. E, enquanto assim as oiço e visualizo, como que me transporto àquele tempo, voltando a interagir com elas [...]”.*

*“Devo dizer que o âmbito temporal destas vivências e destas recordações ocorre, salvo uma ou outra excepção, desde finais dos anos quarenta até princípios dos anos sessenta [...]”.*

*“Não quero deixar de relevar o facto de que, na caminhada de um povo, nem tudo é brilho. Também este povo teve as suas divergências e os seus desentendimentos. Mas não é essa a vertente que me proponho desenvolver. Tal tarefa há-de ser da responsabilidade de quem, um dia, decidir fazer a sua história”.*

(Da “Nota Introdutória”)

ISBN: 978-989-8165-51-0



9 789898 165510